

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO GRANDE DO SUL
UNIDADE LITORAL NORTE/OSÓRIO
GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA - LICENCIATURA

DEBORA DEOVANI SAPPER MARQUES

ADAPTAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: Um estudo sobre o período e o
processo de inserção de crianças bem pequenas

OSÓRIO
2022

DEBORA DEOVANI SAPPER MARQUES

ADAPTAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: Um estudo sobre o período e o processo de inserção de crianças bem pequenas

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Pedagogia na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof^ª. Me. Dolores Schussler

OSÓRIO
2022

Catálogo de Publicação na Fonte

M357a Marques, Debora Deovani Sapper.

Adaptação na educação infantil: um estudo sobre o período e o processo de inserção de crianças bem pequenas. / Debora Deovani Sapper Marques. – Osório, 2022.

59 f.

Orientador: Profª. Me. Dolores Schussler.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) – Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, Curso de Licenciatura em Pedagogia, Unidade em Litoral Norte - Osório, 2022.

1. Educação infantil. 2. Adaptação. 3. Inserção escolar.
4. Crianças bem pequenas I. Schussler, Dolores. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Carina Lima CRB10/1905

DEBORA DEOVANI SAPPER MARQUES

ADAPTAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: Um estudo sobre o período e o processo de inserção de crianças bem pequenas

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Pedagogia na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul.

Aprovado em 29/06/2022

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª Me. Dolores Schussler
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – UERGS -Litoral Norte
Orientadora

Prof^ª Dra. Carolina Gobbato
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – UERGS -Litoral Norte
Membro da Banca

Prof^ª. Dra. Valquíria Pezzi Parode
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – UERGS -Litoral Norte
Membro da Banca

Este trabalho é todo dedicado aos meus pais, ao meu irmão e a minha filha, a eles agradeço por serem minha base, por ajudarem a me tornar a pessoa que sou hoje, por eles posso concluir este curso que tanto admiro. Dedico a eles o resultado desse esforço realizado ao longo deste caminho. A Deus, dedico este trabalho, pois sem ele, eu não teria capacidade para desenvolver.

Dedico este trabalho em especial a minha coordenadora Me Dolores Schussler, que colaborou, conduzindo-me com paciência e dedicação, sempre disponível a compartilhar todo o seu imenso conhecimento, gratidão infinita, e a todos(as) Professores (as) da universidade pelo apoio dedicado a mim.

Dedico este trabalho a todo o curso de Pedagogia-Licenciatura da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – UERGS -Litoral Norte, aos professores pelos ensinamentos, e também aos colegas que assim como eu encerram uma difícil etapa da vida acadêmica, a quem fico lisonjeada por dele ter feito parte.

AGRADECIMENTOS

Agradecer, em primeiro lugar, a Deus, que me oportunizou esse momento incrível, que fez com que meus objetivos fossem alcançados, durante todos os meus anos de estudos. Por ele ter me dado saúde e determinação para ultrapassar os obstáculos na realização deste trabalho.

Aos meus pais, Orsi de Oliveira Marques (*in memoriam*) e Maria de Lourdes Sapper Marques, que me deram apoio e incentivo, ao meu irmão e minha filha, que me incentivaram nos momentos difíceis por todo o apoio e pela ajuda, pela compreensão da minha ausência enquanto me dedicava a este trabalho.

Aos amigos e colegas que sempre estiveram ao meu lado, me incentivando a continuar, pela amizade incondicional e pelo apoio demonstrado ao longo de todo o período em que me dediquei a este trabalho.

A professora Me. Dolores Schussler, por ter sido minha orientadora e ter desempenhado tal função com paciência, dedicação comprometimento.

Às professoras Carolina e Valquíria, que se dispuseram a fazer parte dessa caminhada, por aceitarem compor a banca, agradeço profundamente a confiança, orientação e troca de conhecimentos.

Aos professores por todos os ensinamentos, dando força durante a jornada acadêmica.

A todos que participaram, direta ou indiretamente do desenvolvimento deste trabalho de pesquisa, enriquecendo o meu processo de aprendizado, a todas com quem convivi ao longo desses anos de curso, que me incentivaram e que certamente tiveram impacto na minha formação acadêmica.

Aos meus colegas de curso, que me acolheram quando ingressei, por compartilharem comigo tantos momentos de descobertas e aprendizado e por todo o companheirismo e pela troca de experiências que me permitiram crescer não só como pessoa, mas também acadêmica.

À Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – UERGS - Litoral Norte, que foi essencial no meu processo de formação profissional, em especial aos servidores da unidade pela dedicação, e por tudo o que aprendi ao longo dos anos do curso.

RESUMO

O período de adaptação das crianças pequenas é um processo em que elas se deparam com novas vivências, experiências e novas realidades de rotinas, que demandam um olhar atento de todos os envolvidos nas instituições da Educação Infantil. As diferentes reações expressas pelas crianças poderão ser de desconforto, insegurança, ansiedade, variações de sentimentos, emoções, que afloram nos pequenos, e poderão ocorrer desde a entrada delas na escola, e até mesmo quando trocam de turmas no interior da mesma escola, ou oriundas de outras escolas. Neste sentido, este trabalho teve como objetivo compreender o processo de adaptação na Educação Infantil e, analisar sob o olhar de profissionais de crianças bem pequenas como ocorre na prática o período de adaptação em suas turmas e as reações expressadas e manifestadas pelas crianças. O estudo de campo foi realizado com duas professoras e duas auxiliares, que atuam em duas turmas do Maternal-I, de uma escola particular situada no município de Capão da Canoa, estado do Rio Grande do Sul. Apresenta-se neste trabalho uma revisão de literatura de autores que mais aproximavam-se da temática em questão, além da Educação Infantil à luz da legislação brasileira, leis e diretrizes a partir da década de 1980. Nos referenciais teóricos sobre as transições na perspectiva da adaptação na Educação Infantil permeiam discussões sobre conceitos, o processo de adaptação e inserção de crianças bem pequenas na creche e o papel dos educadores de infância. O exercício analítico busca sob o olhar das profissionais refletir sobre este período e processo. Diante dos estudos realizados considera-se que o período de adaptação é fundamental e necessário quando da entrada da criança à creche, bem como quando da chegada delas à uma turma diferente, que depende muito de como se efetiva o processo, das relações com todos os envolvidos, principalmente o olhar atento às reações expressadas pelas crianças, e que o processo pode ser lento e gradual. Na perspectiva das profissionais que atuam nas turmas do Maternal I, consideram ser importante o período de adaptação, ocorrem constantes choros, mas que o acolhimento, com muito afeto, carinho, paciência com as crianças nesta fase de inserção deve ser relevante. Deve-se lançar um olhar atento para cada criança e não apenas no coletivo, nas práticas cotidianas nossos olhares devem se direcionar ao sujeito-criança de forma integral. Para atuar com crianças bem pequenas, exige-se práticas por meio de experiências lúdicas, que envolvem o duplo objetivo: o cuidar e do educar.

Palavras-chave: Educação Infantil; Adaptação; Inserção Escolar; Crianças bem pequenas.

ABSTRACT

The period of adaptation of young children is a process in which they are faced with new experiences, experiences and new realities of routines, which demand a careful look from all those involved in Early Childhood Education institutions. The different reactions expressed by the children may be discomfort, insecurity, anxiety, variations in feelings, emotions, which surface in the little ones, and may occur from the moment they enter the school, and even when they change classes within the same school, or from other schools. In this sense, this work aimed to understand the process of adaptation in Early Childhood Education and analyze under the eyes of professionals of very young children how the adaptation period occurs in their classes and the reactions expressed and manifested by the children. The field study was carried out with two teachers and two assistants, who work in two classes of Maternal-I, of a private school located in the municipality of Capão da Canoa, state of Rio Grande do Sul. This work presents a literature review of authors who were closest to the theme in question, in addition to Early Childhood Education in the light of Brazilian legislation, laws and guidelines from the 1980s onwards. Adaptation in Early Childhood Education permeate discussions about concepts, the process of adaptation and insertion of very young children in day care and the role of kindergarten teachers. The analytical exercise seeks from the perspective of the professionals to reflect on this period and process. In view of the studies carried out, it is considered that the adaptation period is fundamental and necessary when the child enters the day care center, as well as when they arrive at a different class, which depends a lot on how the process is carried out, on the relationships with all the involved, especially the attentive look at the reactions expressed by the children, and that the process can be slow and gradual. From the perspective of the professionals who work in the Maternal I classes, they consider the adaptation period to be important, there are constant crying, but that the reception, with a lot of affection, affection, patience with the children in this insertion phase should be relevant. We must cast a careful eye on each child and not just on the collective, in everyday practices our eyes must be directed to the subject-child in an integral way. To work with very young children, practices are required through playful experiences, which involve the double objective: caring and educating.

Key words: Child education; Adaptation; School Insertion; children well small.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
1.1 APRESENTANDO O CONTEXTO.....	10
1.2 A ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO.....	12
2 REVISÃO DE LITERATURA.....	14
3 EDUCAÇÃO INFANTIL À LUZ DAS LEGISLAÇÕES: A GARANTIA DE DIREITOS CONSTITUCIONAIS PARA A APRENDIZAGEM DESENVOLVIMENTO DAS CRIANÇAS.....	18
4 AS CRIANÇAS NAS SUAS TRANSIÇÕES NA PERSPECTIVA DA ADAPTAÇÃO NA EI E O PAPEL DOS EDUCADORES DA INFÂNCIA.....	26
4.1 BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE ADAPTAÇÃO.....	26
4.2 SOBRE O PROCESSO DE ADAPTAÇÃO E INSERÇÃO DE CRIANÇAS BEM PEQUENAS NA CRECHE.....	27
4.3 O PAPEL DOS EDUCADORES DA INFÂNCIA.....	30
5 METODOLOGIA-CAMINHOS INVESTIGATIVOS E PROCEDIMENTOS	35
5.1 METODOLOGIA.....	35
5.2 DELINEANDO ESTRATÉGIAS PARA OS DADOS- A TRAJETÓRIA DA PESQUISA.....	36
6. EXERCÍCIO ANALÍTICO PERÍODOS E PROCESSOS DE ADAPTAÇÃO SOB O OLHAR DAS PROFISSIONAIS DE CRIANÇAS BEM PEQUENAS EM CONSONÂNCIA COM AS REAÇÕES EXPRESSADAS PELAS CRIANÇAS..	38
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	49
REFERÊNCIAS.....	51
APÊNDICE A.....	55
APÊNDICE B.....	58

SIGLAS

CEI - Centro de Educação Infantil

CF - Constituição da República Federativa do Brasil

BNCC - Base Nacional Comum Curricular

DCNEI - Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil

EI - Educação Infantil

LDBEN - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

RCG - Referencial Curricular Gaúcho

RCNEI - Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil

RS - Rio Grande do Sul

1 INTRODUÇÃO

1.1 APRESENTANDO O CONTEXTO

Reconhecendo as especificidades dos diferentes grupos etários que constituem a etapa da Educação Infantil, que estão sequencialmente organizados em três grupos por faixa etária desde o berçário às pré-escolas¹, o processo de adaptação das crianças nestas instituições será um desafio cheio de expectativas para os professores e demais funcionários que ali atuam, para as famílias, mas principalmente para as próprias crianças, quando adentram em um mundo desconhecido até então, suas rotinas sofrem mudanças e suas reações poderão ser das mais variadas formas.

Desta forma, “a adaptação das crianças às instituições de Educação Infantil é um processo complexo”, pois, de acordo com Vitória e Rossetti-Ferreira (1993, p. 66):

[...] exige muito emocionalmente da criança. A criança tem que lidar com um novo ambiente, com a separação diária da mãe e dos familiares e com as novas pessoas que não pertencem à sua a sua família, com o estresse da despedida da família na entrada, com a nova rotina da instituição [...] (Apud, OLIVEIRA, 2018, p. 66-67).

Estes momentos que implicam mudanças de rotina às crianças em conformidade com o Referencial Curricular Gaúcho (RCG) (2018) “[...] demanda[m] um processo de acolhimento e adaptação que envolve as próprias crianças, as famílias e os profissionais da escola” (RCG, 2018, p. 68).

É possível que gerem muitas reações tanto positivas quanto negativas por parte das crianças ao serem inseridas ao novo ambiente. São sentimentos que afloram e cada criança reage de uma maneira em relação aos seus sentimentos e emoções, algumas delas adaptam-se com facilidade, enquanto que para outras devido a essas mudanças pode se tornar angustiante e estressante o ingresso na creche, pois estes momentos do novo por vezes geram também sentimentos de ausências, separações e estranhamentos, incomuns aos seus cotidianos anteriormente vivenciados. Para Bassedas, Huguet e Solé (1999, p.166):

¹ Que são subdivididas em grupos de acordo com as suas faixas etárias, tais como CRECHE: Bebês (zero a 1 ano e 6 meses); Crianças bem pequenas (1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses) PRÉ-ESCOLA: crianças pequenas (4 anos a 5 anos e 11 meses)

Nem todas as crianças adaptam-se com a mesma facilidade ou dificuldade às situações novas. Isso depende de muitos fatores, entre os quais podemos destacar a idade e suas experiências de segurança em contextos anteriores. Assim sendo, tanto a escola como a família devem planejar corretamente o período de adaptação, não podendo evitar que a criança manifeste seus sentimentos como medo, insegurança, choros e resistências ao entrar na escola. O que é preciso evitar é que essa situação se prolongue, mas que seja vivida e bem elaborada por todos os envolvidos.” (Apud, RORIZ CLEMENTE, 2019, p. 14).

Considero que o tema deste trabalho é relevante no sentido de aprofundar concepções sobre o período e o processo de adaptação das crianças. Isso foi pensado devido à minha pouca experiência com crianças bem pequenas, pois apenas atuei em torno de oito meses em uma turma do Maternal I², como auxiliar, com crianças na faixa etária de dois a três anos, e percebia de que esta fase é importante para as crianças e para nós profissionais, porque na etapa inicial de chegada na escola, elas choram muito. Como é um momento que precisa de muito diálogo com as crianças no que se refere às suas diferentes reações, suas emoções e sentimentos, “A função da instituição de Educação Infantil e dos profissionais é de receber a criança e acolher sua singularidade, enfim, apresentar-se como um ambiente seguro e estimulante. O professor deve ser o mediador principal no contexto da adaptação escolar [...]” (REDA; UJIIE 2009, p. 1008).

Neste sentido, questiona-se para o estudo de campo: Como se dá o período da inserção de crianças bem pequenas na escola de Educação Infantil? Como ocorre esse processo? Quais foram e são as ações expressadas pelas crianças? Como objetivo geral propôs-se compreender o processo de adaptação na Educação Infantil e analisar, sob o olhar dos profissionais, como ocorre na prática o período de adaptação em suas turmas e as ações expressadas e manifestadas pelas crianças.

Os objetivos específicos foram: revisar a literatura sobre o tema com autores que já pesquisaram sobre adaptação na Educação Infantil (EI); destacar as bases legais da Educação Infantil no cenário brasileiro; fundamentar teoricamente sobre o processo de adaptação de crianças bem pequenas e o papel dos educadores da infância; analisar a perspectiva das profissionais do Maternal I sobre a adaptação e as ações expressadas pelas crianças em suas turmas.

² Crianças pós-berçário e crianças que não haviam frequentado a escola infantil, sendo todas crianças bem pequenas, como indica a BNCC (2018) nos grupos etários.

Desse modo, configura-se como uma pesquisa qualitativa do tipo estudo de caso, realizada por meio de um questionário com quatro profissionais que atuam em duas turmas do Maternal I sendo: uma professora e uma auxiliar no Maternal da turma (2) e uma professora e uma auxiliar da turma (2), ambas de uma mesma escola particular de Educação Infantil, localizada no município de Capão da Canoa, estado do Rio Grande do Sul.

1.2 A ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO

A partir desta introdução o trabalho está organizado da seguinte forma: A parte do referencial teórico apresenta a revisão de literatura sobre achados de trabalhos e pesquisa que mais se aproximavam ao tema em estudo, destacando artigos, Monografias, dissertações e teses, onde incluem-se os autores: Leitzke (2015); Reda; Ujiie (2019); Dias (Et.al. 2018); Gayardo (2019); Faria (2020); Oliveira (2018); Vercelli; Negrão (2019); Costa (2019); Roriz Clemente (2019); Santos e Seger (2016).

Na sequência, trago a Educação Infantil à luz da legislação brasileira, leis e diretrizes na garantia de direitos constitucionais das crianças, a partir da década de 1980, com discussões entre autores, tais como: Campos; Barbosa (2020) Belther, (2017), Faria (2020), Roriz Clemente (2019); Barbosa; Et al (2016); Ostetto (2000), Barbosa e Gobbato (2021). Discute-se nesta parte os direitos legitimados por força das leis na EI e as diretrizes instituídas para as práticas pedagógicas, a ludicidade, tendo como base nas intencionalidades pedagógicas.

Seguindo, encontram-se considerações sobre as crianças nas suas transições na perspectiva da adaptação na EI e o papel de educadores da infância, que se dividem em eixos, tais como mencionam os autores, Leitzke (2015); Reda e Ujiie (2009); Costa (2019), Bolsi (2011) e respectivos teóricos citados. No próximo eixo sobre o processo de adaptação e inserção de crianças bem pequenas na creche utilizo Gayardo (2019), Oliveira (2018), Roriz Clemente (2019), RCG (2019), e sobre papel dos educadores da infância, Faria (2020); Barbosa (2009); Reda; (2009), Ostetto (2000); Belther (2017); Gayardo (2019); Rapoport e Piccinini (2001); Vitória e Rossetti Ferreira (1993).

Prosseguindo, segue a metodologia e procedimentos da coleta dos dados com concepções de uma pesquisa qualitativa nos conceitos de Deslandes (2011), sendo desta forma exploratória e descritiva de acordo com Gil (2008), e estudo de caso considerado

de acordo Ludke e André (2007). O instrumento para coleta dos dados, um questionário, referenciado segundo Gil (1999) e, no final desta parte, um quadro identificando as participantes do estudo de campo: professoras e auxiliares.

O exercício analítico dos dados da pesquisa traz como enfoque os períodos e processos de adaptação sob o olhar das profissionais de crianças bem pequenas em consonância com as reações expressadas pelas crianças, e está estruturado em eixos: o primeiro, que compõe-se de dois subeixos, que se caracterizam como: Compreensões das profissionais do Maternal I- sobre adaptação e no segundo subeixo, importância do período de adaptação e experiências de como se dá este período nas práticas do cotidiano escolar. Neste eixo como um todo os aportes que o fundamentam são: Dias, et.al., (2018); Gayardo (2019); Reda e Ujii (2009); Santos; Seger (2016); Costa (2019); Vercelli e Negrão (2019); Belther (2017); Roriz Clemente (2019) dentre outros autores.

No segundo eixo que se designa como: A entrada das crianças nas turmas do Maternal I, e reações manifestadas, e estratégias das profissionais ao período e processo da adaptação, também divide-se em dois subeixos que são: Reações manifestadas/expressadas na chegada para adaptação e reações expressadas pós período de adaptação, fundamentados pelos estudos de Bolsi, (2011), Santos; Seger, (2016) Costa (2019) Reda e Ujii (2009); Dias et.al., (2018), Belther (2007) Vercelli, Negrão (2019); Vitória e Rossetti Ferreira (1993).

Por fim, são apresentadas as considerações da pesquisa realizada nesta escola de Capão da Canoa. Assim, segue a próxima parte, com a revisão de literatura de produções de autores que mais se aproximavam da temática em questão.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Na busca de estudos e produções realizadas sobre adaptação na EI, em repositórios acadêmicos, artigos Google acadêmico, em sites com Scielo, Lume UFRGS, fez-se uso das palavras-chave “Educação Infantil; Adaptação; Inserção escolar; Crianças bem pequenas”, a partir do marco temporal dos anos 2000. Uma variedade de pesquisas foi realizada sobre a temática Adaptação e Inserção das crianças na escola infantil, assim, algumas destas foram consideradas importantes para este trabalho. As produções selecionadas correspondem àquelas que mais se aproximavam e se relacionavam com este estudo, dentre elas, artigos, TCCs, Dissertações e Teses.

Com o tema “Adaptação e inserção escolar: uma pesquisa com crianças”, Karina de Lamare Leitzke (2015), como trabalho monográfico, realizou uma pesquisa para verificar a visão das próprias crianças a respeito deste processo denominado adaptação, em uma instituição particular de Educação Infantil e Anos Iniciais localizada na cidade de Porto Alegre. O objetivo geral do estudo foi averiguar a percepção das crianças acerca da adaptação escolar. Os dados para a pesquisa foram coletados por meio de uma entrevista com crianças de 5-6 anos e os resultados apontaram que, nesta escola, as crianças, de fato, adaptam-se em vez de serem inseridas no contexto. Sobre o período de adaptação a pesquisadora menciona que com a pesquisa pôde perceber que de maneira geral as crianças citaram certos sentimentos como vergonha e timidez, mas que abordaram a solidariedade como algo mais marcante.

O artigo de Maysa Ghassan Reda e Nájela Tavares Ujiie, apresentado no IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE e III Congresso Sul Brasileiro de psicopedagogia (2019), sobre “A Educação Infantil e o processo de adaptação: as concepções de educadoras da infância”, é um recorte do trabalho monográfico, desenvolvida junto ao curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Centro-Oeste, do Campus de Irati, interior do Estado do Paraná. A pesquisa foi realizada por meio de questionários aplicados as profissionais de um Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) Iratiense. Como objetivo teve intuito “compreender e analisar como os profissionais da Educação Infantil de um centro municipal Iratiense entendem o processo de adaptação, se este se atém somente a conhecimentos superficiais, ou realmente compreendem o sentido e significado deste processo tão salutar a saúde cognitiva, social, afetiva, moral e ética da criança. Nas considerações finais as autoras ressaltam que não

há o tipo de adaptação mais adequado, pois varia muito de criança para criança, segundo suas características afetivo-emocionais e bastante em relação à idade da criança de ingresso na instituição educacional, e que não há uma solução única para todos os casos. A adaptação é um período de aprendizagem entre os atores envolvidos nos quais eles descobrem sobre convívio, segurança, ritmos e exploração de novos ambientes, entre tantas outras coisas.

Um estudo como relato de experiências vivenciadas em uma Instituição de Educação Infantil da rede privada no município de Itapetinga-Bahia, com o objetivo de compreender como acontece o processo de adaptação das crianças no ambiente escolar, foi escrito pelas autoras Dias (ert.al) (2018). A partir das observações e leituras sobre o tema, concluiu-se que o processo de adaptação é contínuo e vai além do início do ano letivo, o qual pode ser, para criança, tanto quanto prazeroso. Assim, faz-se importante criar vínculos de afeto e confiança integrando essas crianças ao grupo no qual estão inseridas para auxiliar o sucesso desse momento tão importante na vida da criança.

Em uma monografia apresentada no curso de Pedagogia da Fundação Universidade Federal de Rondônia (2019) por Suely Gayardo, com o título: “Educação Infantil: Inserção, acolhimento e adaptação da criança à escola” tiveram como objetivo investigar como se dá o processo de acolhimento, inserção e adaptação das crianças nos primeiros dias de vida escolar para amenizar desconfortos. A pesquisa foi realizada com cinco (05) professoras da Educação Infantil. Os principais resultados mostraram que as participantes identificam as condutas a serem tomadas com às crianças na Educação Infantil, mas não consta na escola rotinas pré-estabelecidas e as atividades ficam a cargo do planejamento de cada professora.

Outra monografia do curso de Pedagogia da PUC- Goiás, da autora Larissa Monteiro Faria (2020), explica como se dá o processo de adaptação de crianças e professores na educação infantil. Utiliza as modalidades de pesquisa bibliográfica e documental. Conclui pela necessidade do acolhimento competente no processo da adaptação da criança na educação infantil, e isto envolve a atuação conjunta do professorado e da família, e para que aconteça dentro da normalidade exige planejamento, reflexão e crítica ao engessamento das práticas ou vinculação.

A tese de Suélen Cristiane Marcos de Oliveira, sob o título “O processo de adaptação das crianças na Educação Infantil: os desafios das famílias e educadores da infância” (2018), discute o processo de adaptação das crianças às creches e o papel dos profissionais e das famílias nesse contexto. Os resultados obtidos elucidaram que as

educadoras e professoras entendem o processo de adaptação como complexo e delicado para todos os envolvidos (crianças, famílias e profissionais), apontam como imprescindível para o sucesso da adaptação o tempo reduzido de permanência da criança na instituição, que deve ir aumentando gradativamente, de acordo com as reações e necessidades infantis.

Ao discutir o tema num artigo intitulado “Adaptação na Educação Infantil: desafios a serem entendidos e enfrentados pelos envolvidos no processo”, as autoras Adeli Zachow Dos Santos e Cláudia Maria Seger (2016), apresentado no Evento: XXIV Seminário de Iniciação Científica- (UNIJU, 2016, consideram que o tema adaptação na educação infantil pode ser considerado como um processo delicado e complexo, que gera muitas dúvidas e mudanças na vida de todos os envolvidos, ou seja, as crianças, a família e a escola.

Sob a perspectiva de “Um olhar sobre o período de adaptação de crianças pequenas a um centro de educação infantil e o uso de objetos transicionais”, Lígia de Carvalho Abões Vercelli e Tatiane Peres Alves Negrão (UNINOVE), em artigo publicado em 2019, apresentam resultados obtidos em pesquisa de mestrado que tomou como sujeitos quatro docentes que atuam em duas turmas de Berçário II, por meio de observação sistemática realizada no período de adaptação a um Centro de Educação Infantil (CEI) da rede municipal da cidade de São Paulo. O objetivo geral da pesquisa foi analisar o período de adaptação de bebês e crianças bem pequenas e o uso dos objetos transicionais durante a fase de inserção da criança em um CEI localizado na cidade de São Paulo. Os resultados evidenciaram que, mediante o choro constante das crianças, os/as docentes se desdobravam para consolá-las. Os bebês e crianças bem pequenas que recorreram a objetos de apego acalmaram-se mais rápido, adormeceram antes das demais e adaptaram-se com maior facilidade à rotina do CEI, demonstrando segurança e conforto.

Em um artigo de Michaely Pereira da Costa “A Educação Infantil no processo de adaptação à escola” (2019), oriundo de um trabalho de conclusão do curso de Pedagogia, que visa investigar na perspectiva docente como se contempla o processo de adaptação da criança na Educação Infantil, busca-se compreender suas opiniões sobre a adaptação de crianças na educação infantil e entender a importância da acolhida diante da dificuldade deste processo. Esse trabalho contou com aplicação de questionários à profissionais da Educação Infantil juntamente com observações realizadas em uma Escola da Rede Privada da cidade de Campina Grande/PB, mais especificamente, em uma turma do Infantil III, na qual foi possível conhecer e acompanhar a realidade do processo de

adaptação e a importância da acolhida diante deste período. Percebendo-se por meio desta pesquisa que a adaptação das crianças na Educação Infantil é um período de aprendizado, é novo e dolorido para algumas crianças e familiares.

O TCC de Aline Roriz Clemente que versa sobre “o comportamento da criança e os agentes do processo de adaptação na Educação Infantil” (2019), da Faculdade Católica de Anápolis (GO), numa análise bibliográfica, elenca as concepções sobre o processo de adaptação de alunos em fase de entrada na escola, as técnicas utilizadas para lidar com os alunos nesse momento e os mecanismos que contribuem para a socialização da criança.

A partir desses estudos a próxima seção discorre sobre as bases das legislações brasileiras que se referem a institucionalização educacional da EI, acrescentando autores que referenciam a criança e seus direitos constitucionais.

3 EDUCAÇÃO INFANTIL À LUZ DAS LEGISLAÇÕES: A GARANTIA DE DIREITOS CONSTITUCIONAIS PARA A APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DAS CRIANÇAS

Anterior a década de 1990, “a Educação infantil no Brasil, teve sua origem não como uma política social de Estado; sua trajetória inicial foi marcada como uma ação para assistir as famílias trabalhadoras [...]” (CAMPOS; BARBOSA, 2020, p. 153). As autoras mencionam que: Essa perspectiva implicou pensar a Educação Infantil como “uma política assistencial associada ao processo civilizatório que teve por base as necessidades individuais e não coletivas evidenciando as responsabilidades individuais e não a questão do direito social”. CAMPOS (2013 apud CAMPOS; BARBOSA, 2020, p. 153).

No que se refere às lutas por uma educação para as crianças dentre movimentos sociais em defesa da criança para construção de políticas públicas passam a ser reivindicadas pela “[...] necessidade de se reconhecer o direito das crianças e de suas famílias à educação infantil” (CAMPOS; BARBOSA, 2020, p. 154). Deste modo, os direitos garantidos nas décadas de 1980 e 1990 foram fundamentais no que se concebe nas políticas constitucionais regulamentadas por leis com medidas que se opunham à visão de atendimentos em espaços de Creches que se destinavam apenas ao cuidado das crianças promovidas pelas funções assistencialistas.

A nova Constituição da República Federativa do Brasil (CF) de 1988 reconhece esses direitos, assim como estabelece o direito da criança ao atendimento em Creches e pré-escolas e, “oficialmente, o viés assistencialista é deixado para trás em detrimento de finalidades educacionais” (BELTHER, 2017, p. 43). Neste âmbito, os dispositivos constitucionais à luz CF que determina como política pública, no Art. 208, que o dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de: [...] “educação infantil, em creche e pré-escola, às crianças até 5 (cinco) anos de idade³ [...]”.

Dentre os avanços significativos e conquistas, embasados na CF, a Educação Infantil, com a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9394/96 ganhou um novo olhar e novos rumos, tornando a educação como prioridade para as

³ Redação dada pela Emenda Constitucional nº 53 de 2006

crianças, passa a ser reconhecida como estabelece o art. 29: “Primeira etapa da educação básica, que tem como finalidade o desenvolvimento integral de crianças até 5 anos⁴, em seus aspectos físicos, psicológicos, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.” (BRASIL, 1996). Seguida deste dispositivo o artigo o Art. 30. concebe: A educação infantil será oferecida em: I – creches, ou entidades equivalentes, para crianças de até três anos de idade; II – pré-escolas, para crianças de quatro a cinco anos de idade⁵. (BRASIL,1996)

Para Faria (2020, p. 15) “[...] A LDB deixa claro que a educação infantil é muito importante para o desenvolvimento integral da criança, e sinaliza que essa oferta deve se pautar pela qualidade para que possa, de fato, contribuir para o seu crescimento intelectual, afetivo, social e motor”. Sendo assim em conformidade com Rocha (2012)

[...] as instituições educacionais passaram a ser compreendidas como o lugar que promove o desenvolvimento integral da criança por meio do cuidar e do ensinar. Para tanto, exige-se que seus profissionais sejam formados e qualificados para trabalhar com essa faixa etária (Apud, FARIA, 2020, p. 15).

Nestas legislações a educação da criança de 0 a 5 anos é considerada integrada aos sistemas de ensino que devem agir de acordo com o regime de colaboração, articulados no âmbito de cada ente federado, ou seja, no âmbito dos governos federal, estadual e municipal. Para Silva (2011, p. 30): “Uma das dimensões na educação como direito é a de se fazer assegurar, no arcabouço normativo que a regula, fundamentos, princípios, diretrizes e orientações, definindo com mais precisão as obrigações e responsabilidades do Estado [...]” (Apud, Roriz Clemente, 2019, p. 06).

Desta forma os direitos garantidos pela força legal em conformidade com Barbosa et.al. (2016 p. 13), “[...] a educação das crianças em unidades de Educação Infantil passa a ser um direito desses sujeitos (e não apenas da mãe trabalhadora) e deve ser efetivada nos moldes estabelecidos para toda a Educação Básica” (Barbosa; et.al, 2016).

Para efeito de diretrizes fixadas pela Resolução nº 05 de 2009, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI), dentre seus objetivos, incluem normativas “[...] a serem observadas na organização de propostas pedagógicas na

⁴ Redação dada pela Lei 12.796, de 2013.

⁵ Redação dada pela Lei 12.796, de 2013.

educação infantil.” (BRASIL, 2009). Para Barbosa (et.al) (2016, p 14): “No plano dos documentos legais, indiscutivelmente as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI), especialmente as instituídas pela Resolução CNE/CEB nº 5, de 17 de dezembro de 2009, foram fundamentais”. [...] .

Segundo os autores:

“[...] elas representam o acúmulo de conhecimentos que a área construiu nos últimos anos e destacam a necessidade de estruturar e organizar ações educativas que se orientem por conhecimento consistente acerca do que pode fundamentar um bom trabalho junto às crianças”. (BARBOSA; et.al, 2016).

Nas DCNEI o currículo para a EI é concebido como:

Conjunto de práticas que buscam articular as experiências e os saberes das crianças com os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural, artístico, ambiental, científico e tecnológico, de modo a promover o desenvolvimento integral de crianças de 0 a 5 anos de idade (BRASIL, 2009, p 12).

Neste conjunto de práticas que devem ser observadas na organização das propostas pedagógicas explicitam-se que a brincadeira e a interação são os eixos norteadores das propostas curriculares na Educação Infantil. O reconhecimento da criança como sujeito de direitos e que deve estar no centro do processo educativo é o que vem salientar o artigo 4º dessas diretrizes quando afirma que:

As propostas pedagógicas da Educação Infantil deverão considerar que a criança, centro do planejamento curricular, é sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre natureza e a sociedade, produzindo cultura (BRASIL, 2009).

Sobre a DCNEI, e sua importância em conceber suas funções políticas e pedagógicas Barbosa (et.al., 2016, p. 16) mencionam: “No bojo dos muitos conceitos explícitos e implícitos nas DCNEI, é importante destacar, pela sua centralidade, os de currículo, criança e infância e a definição da função sociopolítica e pedagógica da Educação Infantil”.

Sobre o conjunto de práticas da forma como se evidenciam entende-se deste modo que as escolas e os profissionais que ali atuam precisaram modificar suas ações para com

as crianças desde os atendimentos dos cuidados e educacionais aos bebês, crianças bem pequenas e crianças pequenas. Coube então “[...] aos professores se indagarem acerca de que experiências poderão ser significativas para as “suas” crianças naquele específico momento das trajetórias que elas individualmente e como grupo estão vivendo”. (BARBOSA, et.al, 2016. p. 17).

Percebe-se nas diretrizes que as ações entre o cuidar e educar na escola é um período que deixou de ser apenas abrigar as crianças, mas sim um “[...] período de vida da criança caracterizado por seus princípios e primeiros desenvolvimentos, isto é, trata-se de um período permeado de significados. Uma vez que os conceitos de criança e infância são indissociáveis [...]” (BELTHER, 2017, p. 62).

Ao compreender a criança na perspectiva de sua aprendizagem e seu desenvolvimento nos seus conceitos atuais, atualmente temos por base essas diretrizes que a definem como:

Sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura (BRASIL, 2009, p.12).

Significa considerar a criança em uma perspectiva sociocultural o que implica segundo Muniz, (2019 p. 243) “[...] considerar a criança como o ser social que ela é, sujeito de sua história e também produtora de cultura”. Segundo Barbosa (et.al. 2016, p. 20):

Considera se, portanto, que a construção de conhecimentos pelas crianças, nas unidades de Educação Infantil [...] efetiva se na participação delas em diferentes práticas culturais onde interagem com parceiros adultos e companheiros de idade e levantam interrogações relativas ao mundo que as circunda, processo que pode ser chamado de experiência de aprendizagem [...] (BARBOSA; et.al 2016).

Portanto, este artigo reforça a ideia de que o centro do planejamento é a criança, esse sujeito histórico e de direitos, que, de maneira ativa e criativa, está construindo sua identidade pessoal e coletiva. Conforme mencionam Barbosa et.al. (2016, p. 18) “É essa criança, que brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos”, essa criança que está naquela turma com aquele

determinado professor ou professora, que precisa ser considerada no planejamento curricular (BARBOSA; et.al, 2016).

Ressaltando de que na Educação Infantil o cuidado e o processo educativo são indissociáveis nesta primária etapa. Neste sentido o papel do professor é muito importante, no cotidiano de suas práticas sempre de acordo com a faixa etária das crianças. Conforme as Diretrizes Curriculares (DCNEI):

Cuidar e educar significa compreender que o direito à educação parte do princípio da formação da pessoa em sua essência humana. Trata-se de considerar o cuidado no sentido profundo do que seja acolhimento de todos [...] educar exige cuidado; cuidar é educar, envolvendo acolher, ouvir, encorajar, apoiar, no sentido de desenvolver o aprendizado [...] educar é, enfim, enfrentar o desafio de lidar com gente, isto é, com criaturas tão imprevisíveis e diferentes quanto semelhantes, ao longo de uma existência inscrita na teia das relações humanas, neste mundo complexo (BRASIL, 2009, p. 19-20).

Nesta perspectiva, tendo em vista o “duplo objetivo” cuidar e educar (OSTETTO, 2000), como critérios de qualidade para organização e funcionamento nas Creches e Pré-escolas é necessário pensar em:

[...]organizar e encaminhar um trabalho no cotidiano de Creches e Pré-escolas que respeite a criança como sujeito, a sua positividade [...] que ganha concreticidade na medida em que no interior da Educação Infantil, estejam previstos: brincadeira; atenção individual; ambiente aconchegante, seguro e estimulante; contato com a natureza; higiene e saúde; alimentação sadia; desenvolvimento da curiosidade, imaginação e capacidade de expressão; movimento em espaços amplos; proteção, afeto e amizade; expressão de sentimentos; especial atenção no período de adaptação; desenvolvimento da identidade cultural [...]. OSTETTO (2000, p. 16).

Neste sentido, é preciso haver engajamento de todos os envolvidos neste processo, independentemente de suas funções. Todavia, a autora menciona que “[...] o cumprimento dessas práticas [...] voltada para a criança- sujeito -de- direitos [...] requer um profissional habilitado e com competência para articular educação – cuidado na sua prática cotidiana, no seu fazer educativo [...]” (OSTETTO, 2000, p 17). Conforme Roriz Clemente (2019, p. 07): “[...] na educação infantil, o cuidar está ligado à educação, exigindo conhecimentos, habilidades e mecanismos que exploram a parte pedagógica em questão [...]”.

Ainda sobre as diretrizes, diante deste contexto e processo educativo “as diretrizes elaboradas a partir das legislações buscavam uma escola para a infância, que conforme Beber, Richter e Barbosa, (2015, p. 192): “[...] Uma escola que vai defender a educação das crianças, mas que também vai defender o direito de toda a criança a ter uma infância. Um tempo de infância e um tempo de escola. Uma escola que vai defender a vida e o desenvolvimento integral das crianças [...]” (Apud, BARBOSA; GOBBATO, 2021, p. 1425). Em conformidade com Barbosa e Gobbato (2021, p. 1425) “As Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (DCNEI) (BRASIL, 2009) são um exemplo do debate aberto, participativo e da tentativa de criar um Espaço tempo educacional que favorecesse a igualdade de oportunidades educativas [...]”.

Com a homologação da Base Nacional Comum Curricular pela Resolução CNE/CP Nº 2, de 22 de Dezembro de 2017 como documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais e foi referência nacional para os sistemas de ensino, em 2018, e foi oficialmente publicada em sua versão final, implementada nas escolas em 2020, reforça-se que: A partir dos princípios e objetivos já anunciados nas DCNEI, na Educação Infantil considera-se que seis grandes direitos de aprendizagem devem ser garantidos a todas as crianças nas turmas de creche ou pré-escolas, que são: Conviver, brincar, explorar, participar, comunicar e conhecer-se.

Articulados aos seis direitos de aprendizagens dos quais são definidos os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento que foram organizados em cinco campos de experiência que são: “O eu, o outro e o nós; Corpo, gestos e movimentos; Traços, sons, cores e formas; Escuta, fala, pensamento e imaginação; Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações” (BRASIL, 2018).

Para Belther (2017, p. 80): “O avanço desse documento acontece na ênfase das às experiências e aos direitos da aprendizagem, que consideram a diversidade com que isso pode acontecer, isto é, por meio de explorações, brincadeiras, expressões, etc.”

A ludicidade, tendo como base as intencionalidades pedagógicas promovem experiências que permitem diversas maneiras e formas de as crianças realizarem determinadas propostas de um aprendizado significativo e divertido. Neste processo, as brincadeiras devem ser exploradas e priorizadas nestes momentos de interações, pois conforme Barbosa et.al (2016, p. 21):

[...] dado que, ao brincar, elas interagem e constroem cenas a partir dos materiais disponíveis, de memórias de situações ou de histórias, de canções, de rituais, trabalhando a linguagem verbal e corporal, os papéis

sociais e as regras de vida social (Deliberação CNE/CEB nº20/09). As interações e o brincar, tomados como eixos do projeto educativo, criam situações onde as observações, os questionamentos, as investigações e outras ações das crianças se articulam às proposições trazidas pelos/as professores/as. (BARBOSA; et.al 2016).

Ao assumir tal papel, o professor quando propõe práticas de caráter lúdico na sua prática pedagógica envolvendo a brincadeira mediada, que “[...]é uma linguagem infantil [...] (RCNEI, 1998), implica que se criem situações de brincadeiras que despertem a imaginação, fantasia, nas interações que se relacionam a vários espaços. Conforme os Referenciais Curriculares para a Educação Infantil (RCNEI) (1998, p. 21):

As crianças possuem uma natureza singular, que as caracteriza como seres que sentem e pensam o mundo de um jeito muito próprio [...] no processo de construção do conhecimento, as crianças se utilizam das mais diferentes linguagens e exercem a capacidade que possuem de terem ideias e hipóteses originais sobre aquilo que buscam desvendar (BRASIL, 1998).

Adriana Friedmann (2006) concebe que “em algumas ocasiões, a criança brinca sozinha”, todavia ressalta que [...] “no brincar partilhado com [...] outras crianças ou adultos [...]”, é onde “[...] se efetivam as trocas dos seus aprendizados, [...] quando a criança pode assumir diversos papéis, experimentar, colocar-se no lugar da outra, realizar ações [...] expressar-se” (FRIEDMANN, 2006, p. 24). Conforme Bruner, (1976-1983) “O caráter lúdico de um ato não vem da natureza do que é feito, mas de maneira como é feito [...]”. (Apud FRIEDMANN, 2006, p. 38).

Considerando ainda sobre os direitos garantidos, importante destacar o que é mencionado nas orientações do Guia publicado pelo MEC/2009 chamado “Critérios para atendimento em creches que respeite os direitos fundamentais da criança”, quais sejam:

Nossas crianças têm direito à brincadeira; Nossas crianças têm direito à atenção individual ; Nossas crianças têm direito a um ambiente aconchegante, seguro e estimulante; Nossas crianças têm direito ao contato com a natureza; Nossas crianças têm direito à higiene e à saúde; Nossas crianças têm direito a uma alimentação sadia; Nossas crianças têm direito a desenvolver sua curiosidade, imaginação e capacidade de expressão; Nossas crianças têm direito ao movimento em espaços amplos; Nossas crianças têm direito à proteção, ao afeto e à amizade; Nossas crianças têm direito a expressar seus sentimentos; Nossas crianças têm direito a uma especial atenção durante seu período de adaptação à creche; Nossas crianças têm direito a desenvolver sua identidade cultural, racial e religiosa. (BRASIL, 2009, p. 13 a 27).

Diante desses ordenamentos legais de legitimação de direitos das crianças, a entrada delas nas instituições infantis sempre é permeada de expectativas para as famílias, e, a chegada delas também proporcionam certas expectativas aos profissionais que ali atuam. Para as crianças, a entrada no ambiente escolar é um novo ambiente que poderá tornar-se angustiante, e gerar uma diversidade de sentimentos e emoções. Logo, necessitam de um período de adaptação, quando de sua inserção na escola infantil, que são as reflexões do próximo capítulo deste trabalho, ou seja, na perspectiva de suas transições e o papel dos educadores neste processo.

4 AS CRIANÇAS NAS SUAS TRANSIÇÕES: ADAPTAÇÃO NA EI E O PAPEL DOS EDUCADORES INFÂNCIA

Esta parte neste trabalho busca entender conceitos sobre adaptação, períodos e processos vivenciados pelas crianças bem pequenas na creche, e, o papel dos educadores de infância neste processo.

4.1 BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE ADAPTAÇÃO

No dicionário⁶, consta que a palavra “adaptação” em seu significado etimológico quanto à origem deriva de a junção do verbo adaptar e do sufixo-ção. Como sinônimo de: acomodação, ajuste, acomodamento, adequação, ajustamento. “Faz referência a Ação de adaptar, de ajustar uma coisa à outra; resultado desta ação [...] Integração de uma pessoa ao ambiente onde se encontra: a adaptação escolar de uma criança [...]”.

Embora haja discussões sob o ponto de vista teórico em relação ao termo “adaptação”, ainda hoje segue-se fazendo uso desta palavra quando refere-se à inserção da criança no ambiente escolar, principalmente na Educação Infantil, ou seja, o período ou processo de entrada das crianças nas instituições, ou até mesmo de mudanças das crianças de uma turma para outra no interior da mesma instituição.

Reconhece-se “[...] a importância dos primeiros dias na escola e admitam a necessidade de se organizarem atividades especiais neste período inicial, designado como período de adaptação, não existe consenso quanto à definição do termo adaptação nem quanto à caracterização deste período”. (LEITZKE, 2015, p. 06). Reis (2013) afirma que: “[...] é possível perceber que a ideia de adaptação está diretamente ligada à de adequação, de alteração do próprio indivíduo para tornar-se apto a fazer parte de um grupo”. (Apud LEITZKE, 2015, p. 5-6).

Pode-se conceber que o processo de adaptação designava como afirmam Reda e Ujii (2009, p.10084)

Ao longo da história da Educação Infantil, o processo de adaptação, foi por muitas vezes encarado pelos profissionais como sendo um período de tempo e espaço determinado pela própria instituição educacional, tendo em vista à sujeição, o controle, a imposição de normas, a ausência do choro, a domesticação dos corpos, o sujeito adaptado: a criança.

⁶ Dicionário online de Português <https://www.dicio.com.br/adaptacao/>

Da Costa compreende que:

A adaptação é caracterizada como forma de se ajustar ou se adequar a determinadas circunstâncias [...]”. Os seres humanos são indivíduos incrivelmente adaptáveis, pois interagem entre si e são capazes de conviver por um determinado tempo em ambientes e situações adversas que possam ser submetidos” (DA COSTA, 2019 p. 16).

Para Bassedas (1999), “os indivíduos se relacionam em um determinado espaço e em um determinado tempo com outros indivíduos, em um meio constituído por regras de conduta social e, também, por situações condicionadas pelo ambiente” (DA COSTA, 2019, p. 17). Contudo, para Santos e Seger (2016, p. 02),

A adaptação das crianças é um assunto recente, que tem muitos paradigmas, dúvidas. Então esse processo acontece na medida em que cada escola julga ser a maneira correta”. Porém quanto nos referimos à adaptação das crianças na EI pode-se compreender como sendo um processo que exige uma atenção diferenciada.

No que se refere ao uso do termo, nas circunstâncias em que ocorrem muitas vezes as dificuldades enfrentadas pelas crianças, especificamente nos primeiros dias quando do início na creche, Bolsi (2011, p. 10) sinaliza que “[...] outros nomes têm sido utilizados: acolhimento, inserção, acolhida inicial [...]”. De todo modo, a entrada da criança na escola é um momento marcante para ela e para a família. Então, para Ortiz, (2000, p. 6) “Considerar a adaptação sob o aspecto do acolher, aconchegar, amparar e confortar amplia o papel da instituição, pois a qualidade do acolhimento deve garantir a qualidade da adaptação”. (Apud BOLSI, 2011, p. 10).

A partir desses pressupostos “[...] podemos supor que o acolhimento não se trata apenas de um processo onde recebe as crianças e sim, de uma ação minuciosamente planejada e executada sob a orientação de um conjunto de elementos que permitem ao acolhido sentir o aconchego deste novo e estranho ambiente” (BOLSI, 2011, p. 12).

Neste sentido, na sequência deste trabalho expõe-se sobre a adaptação das crianças bem pequenas às creches, que segue também com discussões sobre o papel dos educadores neste contexto.

4.2 SOBRE O PROCESSO DE ADAPTAÇÃO E INSERÇÃO DE CRIANÇAS BEM PEQUENAS NA CRECHE

Compreendendo os direitos das crianças em frequentar a creche e nela serem cuidadas, com direitos à educação para suas aprendizagens e desenvolvimento, as autoras Vitória e Rossetti Ferreira (1993, p. 55) dizem: “Começar a frequentar a creche, mudar de turma ou de educador (a) responsável dentro dela, são situações que impõem um processo de adaptação muitas vezes difícil tanto para as crianças, como para a família e para o (a) próprio(a) educador(a)”.

A chegada das crianças na creche pode ser momento no qual geram-se dúvidas, incertezas, estranhamentos e expectativas, e é difícil para os envolvidos no processo vivenciado, é o momento que correspondem à adaptação. De acordo com o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998):

A adaptação é difícil não só para a criança, mas também para a família e a professora, pois implica reorganizações e transformações para todos. A forma como esse processo é vivenciado pelas pessoas envolvidas influencia e é influenciada pelas razões da criança. Desse modo, é altamente desejável que, no período de adaptação, a mãe, o pai ou outro familiar fique junto da criança para auxiliar na exploração desse ambiente estranho e no estabelecimento de novos relacionamentos com outras professoras e outras crianças. (BRASIL, 1998).

Independente se algumas delas já vivenciaram o ambiente no berçário e, outras ingressam pela primeira vez na instituição, elas experenciam novas fases, pois mesmo de uma fase para outra difere em relação aos ambientes, as rotinas, novos colegas, e outros adultos. São novas experiências de consolidação de vínculos de convivências, em um novo ambiente onde elas vivenciam uma nova etapa de vida, novas experiências, descobertas. Conforme consta no Referencial Curricular Gaúcho (RCG):

A adaptação ocorre sempre que a criança se depara com uma nova etapa ou um novo ambiente educativo podendo ser em relação à mudança [...] de turma, de professor referência, ou mesmo entre os diferentes momentos de jornada diária. (RCG-RS, 2018, p. 68).

Ainda sobre esta fase da entrada da criança na Educação Infantil, seja em qualquer idade, exige um período de adaptação a um novo ambiente antes desconhecido para ela. É uma fase de transição que poderá ser do lar para a escola, do interior da instituição de uma turma para outra, e, os professores precisam considerar que nesta fase, existe este processo transitório, e que neste contexto em que elas se encontram, ocorrem situações de mudanças.

Contudo há de se considerar as formas de organização que são peculiares não só às instituições de ensino, no entanto para Vitória e Rossetti Ferreira (1993, p. 56-57):

Quando nos referimos ao processo de adaptação que ocorrem na Creche, estamos considerando diferentes pessoas, com diferentes papéis sociais. Todos os envolvidos nesse processo [...] vivenciam-no com intensidade e características variáveis frente à mesma situação, e os esforços de adaptação realizados influenciam as reações das crianças e são por estas influenciados.

Neste sentido para adaptar as crianças é necessário pensar inicialmente que depende de acolhimento, de aconchego, de amparo, pois estudos nos mostram que as primeiras semanas são as mais estressantes para os pequenos, sendo um ambiente desconhecido, pessoas estranhas e uma nova rotina e novos hábitos, sem falar é claro a falta dos vínculos familiares anteriormente vivenciados. Para Barbosa (2009, p. 14): “As crianças, ao ingressarem na escola, começam a conviver com adultos e outras crianças que não pertencem às suas famílias e que possuem hábitos, modos de falar, brincar e agir algumas vezes muito diferentes dos seus”. Bowlby, (2002, p.259) menciona de que:

Nenhuma forma de comportamento é acompanhada por sentimento mais forte do que o comportamento de apego. [...] Enquanto uma criança está na presença incontestada de uma figura principal de apego, ou a tem a seu alcance, sente-se segura e tranquila. Uma ameaça de perda gera ansiedade, e uma perda real, tristeza profunda; ambas as situações podem, além disso, despertar cólera (Apud BOLSI, 2011, p.12).

Todavia, Vitória e Rossetti Ferreira (1993, p. 57) consideram que, “quando a família concebe a creche como uma alternativa plenamente viável para partilhar a educação [...] a relação entre as duas partes é muito mais fácil [...]”.

Nesses tempos de chegada na creche, as crianças estão também em um processo de se conhecer e fazendo-se conhecer neste novo espaço, tendo se relacionar com as novas rotinas, poderão surgir momentos de dúvidas, inquietações, inseguranças, dentre outros sentimentos e inúmeras manifestações. Para Rapoport e Piccinini (2001):

Quando a criança ingressa pela primeira vez na creche, ela o faz num mundo diferente do até então conhecido familiar, tendo que se relacionar obrigatoriamente com novos cuidadores, se adaptar a um novo espaço e rotinas da instituição, o que pode ocasionar ansiedades, angústias, tanto para as crianças como as suas famílias. As reações infantis podem se manifestar como físicas (dores, febres, vômitos, diarreia, entre outros sintomas) ou emocionais, como não dormir, não aceitar alimentação, não brincar, timidez, apatia, raiva, agressividade etc. (Apud, OLIVEIRA, 2018, p. 15).

Em conformidade com Roriz Clemente (2019, p. 14), “É durante o processo de adaptação que a criança vai ser obrigada a lidar com uma nova rotina: novo horário para comer, com um novo espaço, além de estar em contato com pessoas estranhas como a educadora e as outras crianças [...]”. Cabe destacar ainda que para o período de adaptação da criança bem pequenas nas creches, ela está em fase de estranhamentos em relação a um novo mundo e precisa de um tempo quanto for necessário, pois conforme (ORTIZ; et al., 2014),

[...] constitui o tempo necessário para a adaptação dos pequenos ao novo ambiente, aos adultos que pertencem à comunidade escolar e às demais crianças com quem irá conviver, está diretamente ligado à aquisição de confiança na nova rotina, até que se sinta pertencente ao local e ao grupo dos quais fará parte” (Apud VERCELLI; NEGRÃO, 2019, p. 04).

Desta forma, destaca-se a importância dos educadores da infância, pois são eles que estarão mais próximos num tempo maior de convivência, embora os vínculos ainda estejam sendo construídos. Assim, “[...] é preciso encontrar meios para garantir uma adaptação eficiente para as crianças, capaz de fazê-las se sentirem acolhidas, respeitadas em suas particularidades, de modo a serem minimizados seus aspectos negativos e possíveis traumas [...]”. (OLIVEIRA, 2018, p. 27).

Contudo, autores nos mostram que o processo de adaptação para algumas crianças pode durar semanas ou meses, e que não se resume apenas aos primeiros dias, já outras se adaptam facilmente. Depende muito de como a criança vivencia esses momentos e também das relações que a escola estabelece com a criança, assim como da postura dos pais e familiares, enfim são diversos fatores que contribuem para êxito a esta nova realidade. Neste contexto, logo, o papel dos educadores, suas atitudes como mediadores desse processo influenciam o bem estar.

4.3 O PAPEL DOS EDUCADORES DA INFÂNCIA

Os profissionais, professores, auxiliares em sala, que ficam mais tempo com as crianças, enquanto mediadores desse processo, também poderão ser desafiados, pois também estão permeados de expectativas e perspectivas para tornar-se um ambiente

favorável, de bem estar, no sentido de ajudar as crianças a superar as possíveis manifestações de emoções que ocorrem. Faria (2020, p. 11) se refere a este processo, quando cita: “Assim como as crianças, eventualmente o profissional também se sente inseguro diante do novo, o que pode refletir na sua estrutura física e emocional. É um desafio para o professor conhecer cada criança, acolher a sua possível dor e ajudá-la em sua superação”.

Portanto, o processo de adaptação da criança no ambiente escolar é importante, e esse movimento que é tão necessário para o amadurecimento emocional e cognitivo da criança, e, conforme esse processo é realizado pode interferir na socialização atrapalhando seu desenvolvimento de aprendizagem. Para Faria (2020) “é muito importante lançar luz sobre o papel do professor, que precisa ser capaz de acolher a criança com segurança, visto que é um momento delicado e novo”. Ainda ressalta a autora:

O pedagogo tem um papel muito importante nesse processo, porque cabe a ele planejar atividades, rotinas, brincadeiras e interações, sempre com o olhar para a criança. Antes mesmo de propor uma nova situação, deve-se preocupar com sua adaptação a esse momento, que será novo, para intervir de forma adequada (FARIA, 2020, p. 11).

Nas instituições de educação infantil, é necessário pensar que para além dos fatores psicológicos que as afetam, o intuito é também socializar com seus novos pares, pois as crianças são biologicamente sociais, muito embora geralmente sejam consideradas frágeis. No contexto escolar, elas são capazes de iniciativas, de ações autônomas, pois em conformidade com Barbosa (2009):

Apesar de geralmente ser enfatizada apenas sua fragilidade, [...] as crianças bem pequenas são, paradoxalmente, extremamente capazes de tomarem iniciativas e agirem, ou seja, podem perceber e movimentar-se, dispondo assim de amplos recursos, desde que nascem, para interagir com e no mundo. O longo tempo que necessitam para seu crescimento possibilita que, a partir de circunstâncias favoráveis e exitosas, possam conquistar sua independência na simultaneidade em que vão gradualmente exercendo sua autonomia. (BARBOSA, 2009, P. 23).

O profissional de tem um papel importantíssimo nessa primeira etapa da criança, pois é aqui que vão surgir suas primeiras descobertas e experiências, portanto deve estar comprometido com sua prática educacional, sendo capaz de responder aos cuidados e aprendizagens que a criança necessitar, não esquecendo dos familiares que também estão

preocupados, ser um mediador entre a criança e o objeto de conhecimento, como destaca o RCNEI:

O professor é mediador entre as crianças e os objetos de conhecimento, organizando e propiciando espaços e situações de aprendizagens que articulem os recursos e capacidades afetivas, emocionais, sociais e cognitivas de cada criança aos seus conhecimentos prévios e aos conteúdos referentes aos diferentes campos de conhecimento humano (BRASIL, 1998).

Sobre a questão de ser mediador de diversas situações, Ujii (2005), concebe de que: “a sala de aula é um ambiente onde as emoções se expressam e a infância é a fase emocional por excelência”, e, salienta:

[...] cabendo ao professor ou ao educador da infância, uma atitude mediadora, pautada na prática do afeto cognitivo, um sujeito racional e equilibrado emocionalmente, capaz de gerenciar a ação educativa e o processo de adaptação, a dinâmica de ensino e aprendizagem e a socialização que envolve crianças e pais (Apud REDA; UJII, 2009, p. 10085).

Os educadores também necessitam lançar um olhar para as singularidades em tal processo, pois “olhar as crianças e revelar crianças, na sua singularidade, é princípio da ação pedagógica [...] aprender a olhar [...] mirando na diversidade por meio da sensibilidade que acolhe as diferenças”. (OSTETTO, 2000, p. 129). Nestes olhares sobre a criança, é necessário também pensar no próprio olhar sobre ela, possibilitar a fala por meio da escuta, que é um fator que possibilita às crianças livres expressões, manifestações de sentimentos, dar voz e vez, para entender o que se revela.

Ao ingressar em um ambiente novo e diferente, as crianças têm muitas sensações reveladas, nestes momentos são de suma importância o carinho, a atenção e o acolhimento da professora do novo universo na vida delas, pois precisam sentir-se seguras e abrigadas com entusiasmo e emoção, para seus desenvolvimentos. Neste momento de suas vidas, “[...] Wallon afirma que a emoção é o primeiro e mais forte vínculo estabelecido entre sujeitos e pessoas do ambiente [...]” (BELTHER, 2017, p. 67).

Para Belther (2017, p. 53), é: “Com base no seu processo de interação a realidade passa a se configurar de forma mais consistente e essas trocas relacionais fazem que as crianças passem a identificar e aceitar a existência do outro”. Neste processo, a importância do acolhimento, de perceber as emoções que é um dos pilares para a construção de uma relação. Sobre o processo de acolhimento, Andrade (2016, p.18) afirma que: “A maneira como as crianças são acolhidas na educação infantil pode ser algo

marcante em toda a sua vida, tornando-se importante por esse motivo, que o acolhimento aconteça de forma agradável” (Apud GAYARDO, 2019, p. 9).

No processo do acolhimento, especificamente nesta fase da adaptação, a demonstração do afeto também se faz presente, pois “[...] a afetividade diz respeito a um maior número de manifestações não apenas emocionais, mas também sentimentais [...] para tanto, uma vez que não temos acesso ao que se passa no cérebro da criança, é indispensável conhecer suas características e seus comportamentos em creches [...]” (BELTHER, 2017, p. 67). Todavia, a autora ressalta com uma citação de (Ricarte et.al. 2013, p. 162):

[...] é necessário começar sintonizando as emoções das crianças, não o comportamento. É preciso conhecê-la, ouvi-la, entendê-la e aceitá-la, uma vez que o reconhecimento das emoções pela criança constitui-se em sua própria essência, e ao passo que a mesma reflete sobre tais emoções, ela também passa a conhecê-las e aceitá-las” (BELTHER, 2017, p. 73).

Portanto, esse período da adaptação não pode ser considerado como uma maneira de obrigar a criança a uma determinada situação, forçando-a a ficar na escola, tendo que aprender a lidar com tudo isso que é novo. Podem ocorrer variações de humor de criança para criança, ou seja, cada uma delas poderá vivenciar um período específico e particular. As crianças precisam estar envolvidas para se sentirem acolhidas, ao contrário disso, surgem a angústia e insegurança. De acordo com Rapoport e Piccinini (2001, p. 93), “A adaptação à creche é um processo gradual em que cada criança precisa de um período de tempo diferente para se adaptar, sendo importante respeitar o ritmo da própria criança e não impor um período pré-determinado para a adaptação”.

Vale ressaltar que na perspectiva do cuidar e o educar integram essas práticas que promovem as interações, a fim de garantir um desenvolvimento pleno das crianças. E, muitas vezes, dependendo das atitudes que tomamos nas relações com elas poderão favorecer tanto positiva, ou negativamente. Chaves (2001, p. 141) menciona: “[...] A criança ser-em-desenvolvimento, evolui em sincronia com as relações. Logo, o efeito da Creche no desenvolvimento das crianças também será, de certa forma, proporcional aos tipos de relacionamentos que lá ocorrem e se vivem” (Apud BELTHER, 2017, p. 79).

As reações emocionais das crianças poderão influenciar no processo de aprendizagem e desenvolvimento, segundo estudo de Vygotsky (2003, p.121): “As reações emocionais exercem uma influência essencial e absoluta em todas as formas de

nosso comportamento e em todos os momentos do processo educativo. [...]” (Apud OLIVEIRA NETO).

Sendo assim, a ação dos educadores é uma das mais importantes tarefas na adaptação das crianças, o cuidado, a habilidade dos profissionais ao levar em conta as reações de cada um individualmente. Também o docente na EI deve contemplar algumas especificidades e particularidades próprias das crianças pequenas: a rotina, a alimentação, a higiene e o repouso, a organização do espaço. (BEHLTER, 2017).

Considerando essas importantes concepções sobre adaptação na inserção das crianças na escola, seguem os caminhos da metodologia adotada, procedimentos metodológicos e a caracterização das participantes do estudo de campo, para posterior análise.

5 METODOLOGIA: CAMINHOS INVESTIGATIVOS E PROCEDIMENTOS

5.1 METODOLOGIA

A metodologia da pesquisa foi por meio da abordagem qualitativa, exploratória e descritiva. A abordagem qualitativa segue o caminho de uma pesquisa que não será quantificada, ou seja, seu foco está no caráter subjetivo, compreendendo aprofundar o tema para obter informações, explorando as teorias que se relacionam, descrevê-los, e, analisar a partir da coleta dos dados da pesquisa.

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa nas ciências sociais com o nível de realidade que não pode ser quantificado”. Ou seja: Ela trabalha com um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores, e atitudes o que corresponde a um espaço mais aprofundado das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (DESLANDES, 2011, p. 21).

A pesquisa é também exploratória, de acordo com Gil (2008, p.27) porque constitui “a primeira etapa de uma investigação mais ampla [...] com o objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato.” Para esta pesquisa ocorreu a necessidade de estudos mais aprofundadas de alguns autores que mais se aproximaram da temática constantes na revisão de literatura e referencial teórico.

Como referência descritiva, objetivou-se esclarecer de maneira abrangente estudos da fase exploratória, desenvolvendo novos conhecimentos a partir de dados de pesquisas já existentes realizadas sobre a temática em questão. Conforme Gil (2008, p. 28), “As pesquisas descritivas são, juntamente com as exploratórias, as que habitualmente realizam os pesquisadores sociais preocupados com a atuação prática [...]”. A fase descritiva também se relaciona com a análise dos dados da pesquisa realizada.

Neste sentido, este trabalho tem como método de pesquisa o estudo de caso, realizado em uma escola particular localizada no município de Capão da Canoa, estado do Rio Grande do Sul. O que nos remete a Ludke e ao André (2007, p. 18-19), que relatam que “os estudos de caso enfatizam a interpretação do contexto [...] para compreender melhor a manifestação geral de um problema, as ações, as percepções, os comportamentos e as interações das pessoas devem ser relacionadas a situação específica em que ocorrem [...]”.

O Estudo de Caso é útil, ressalta Yin (2001), “quando se quer investigar acontecimentos contemporâneos em que não se pode controlar comportamentos considerados relevantes”. Conforme Yin (2001), o estudo de caso também “é uma estratégia de pesquisa que compreende um método que abrange tudo em abordagens específicas de coletas e análise de dados”.

5.2 DELINEANDO ESTRATÉGIAS DOS DADOS: A TRAJETÓRIA DA PESQUISA

O projeto deste trabalho com o tema da Inserção na Educação Infantil iniciou em 2022. A princípio, a pesquisa seria realizada apenas com as professoras regentes, posteriormente, consideramos necessária também a participação das auxiliares das respectivas turmas. Sendo assim, os dados foram gerados por meio das respostas do questionário feito as duas professoras e duas auxiliares de duas turmas do Maternal I, por meio de um questionário semiestruturado com questões sobre o tema pesquisado. Um questionário, segundo Gil (1999, p.128), pode ser definido “como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.”.

Em vista disso, a professora e a auxiliar nomeadas como (A) são as que atuam na Turma Maternal I- sala 1. E, a professora e a auxiliar nomeadas como (B) são as que atuam na Turma Maternal I- sala 2. Dados que as caracterizam e constam no quando abaixo:

QUADRO 1: CARACTERIZAÇÃO DAS PARTICIPANTES DA PESQUISA

FUNÇÃO	FORMAÇÃO	TEMPO COMO PROFISSIONAL NA EI	TEMPO COM A TURMA-MATERNAL I	NÚMERO DE CRIANÇAS NA TURMA
Profa. A (Sala 1)	Pedagogia/ Pós Psicopedagogia	09 meses	04 meses	12 crianças

Auxiliar A (Sala 1.)	Pedagogia (concluindo)	4 anos	4 meses	12 crianças
Profa. B (Sala 2)	Pedagogia	3 anos	4 meses	14 crianças
Auxiliar B (Sala 2)	Pedagogia	10 meses	2 meses	14 crianças

Fonte: Autora (2022)

6 EXERCÍCIO ANALÍTICO PERÍODOS E PROCESSOS DE ADAPTAÇÃO SOB O OLHAR DAS PROFISSIONAIS DE CRIANÇAS BEM PEQUENAS EM CONSONÂNCIA COM AS REAÇÕES EXPRESSADAS PELAS CRIANÇAS

Retomando as questões norteadoras acerca de como ocorre o processo da adaptação e quais foram e são as reações expressadas pelas crianças, e o objetivo geral que se propõe compreender o processo de adaptação na Educação Infantil e analisar sob o olhar de profissionais de crianças bem pequenas como ocorre na prática o período de adaptação em suas turmas e as reações expressadas e manifestadas pela crianças, este capítulo busca uma análise dos dados coletados com as profissionais que participaram deste estudo.

EIXO 1- SOBRE ADAPTAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

1.1 Compreensões das profissionais do Maternal I sobre adaptação

Ao refletir sobre o tema em enfoque buscou-se compreender o que as profissionais trazem como concepções sobre adaptação na EI, as profissionais trazem várias escritas como podemos perceber.

- A professora receber com carinho, para que a criança se sinta bem acolhida e amada. (Prof.^a A - Sala 1).
- Adaptação é um momento de transição em que a criança vai se habituando à nova rotina longe dos pais e dos familiares com os quais convive (Aux. A - Sala 1).
- O período de adaptação escolar compreendo como nova etapa na vida das crianças. (Prof.^a B -Sala 2).
- Para mim é o momento de acolher a criança oferecendo-lhe em primeiro lugar segurança (Aux. B -Sala 2).

Fonte: Dados coletados via questionário (2022)

Percebem-se várias nuances que emergem dessas respostas, dentre essas destacam-se: acolhimento, afeto, momentos de transição, nova rotina, segurança, que poderão sinalizar um ambiente acolhedor, pois “[...] as crianças necessitam de amor, aceitação e acolhimento [...]” (DIAS, (et.al., 2018). Segundo Oliveira (1995, p. 127),

“acolher adequadamente a criança exige que se tenha um trabalho coletivo, em que todos se empenhem em organizar o espaço e a estrutura da escola, visando atender as necessidades infantis” (Apud GAYARDO, 2019, p. 09).

Vercelli e Negrão (2019, p. 03) relacionam a BNCC, quando a base menciona o Campo da Experiência o “Eu, o Outro e o Nós”, podemos articular como sendo também destinado ao período de adaptação, pois segundo as autoras, no âmbito de tal campo:

[...] as relações devem ser permeadas por interações positivas, apoiadas em vínculos estáveis com os professores e demais crianças, e a sensação de pertencimento a um determinado grupo e do respeito e valor atribuído às diferentes tradições culturais devem estar em constante progressão.

O acolhimento que sugere demonstrações de afeto, segurança para a criança na sua nova rotina é um dos pilares na entrada da criança na EI para suavizar a separação por um período do seu meio familiar, da sua rotina cotidiana anterior, e tornar o ambiente para elas o mais afável e seguro possível neste novo ambiente. Sobre o processo de acolhimento, Andrade (2016, p.18) afirma que: “A maneira como as crianças são acolhidas na educação infantil pode ser algo marcante em toda a sua vida, tornando-se importante por esse motivo, que o acolhimento aconteça de forma agradável” (Apud GAYARDO, 2019, p. 09).

Enquanto as crianças desenvolvem seus conhecimentos, “O trabalho dos profissionais [...] aliado à afetividade, busca, basicamente trazer à tona as emoções [...]” (BELTHER, 2017, p. 70), pois “sabe-se que desde cedo nas primeiras relações que a criança estabelece estão presentes os afetos, os medos, as incertezas, [...] enfim todos os aspectos sociais inseridos culturalmente [...]” (RICARTE et.al., 2013, p. 160 (Apud BELTHER, 2017, p.71).

Também no sentido de que as crianças nesta idade poderão “[...] enfrentar dificuldades de reconhecer e lidar com as próprias emoções. Em outras palavras, faz-se necessário observar os caminhos pelos quais as crianças passam a compreender suas próprias emoções, considerando ainda a realidade social em que estão inseridas”. BELTHER, 2017, p.74). Ressaltando que, numa perspectiva de educação das crianças bem pequenas, conforme Barbosa (2009, p. 08):

As crianças pequenas solicitam aos educadores uma pedagogia sustentada nas relações, nas interações e em práticas educativas intencionalmente voltadas para suas experiências cotidianas e seus

processos de aprendizagem no espaço coletivo, diferente de uma intencionalidade pedagógica voltada para resultados individualizados [...]

1.2 A importância do período de adaptação e experiências de como se dá este período nas práticas do cotidiano escolar

Diante do contexto pensado, buscou-se saber a importância do período de adaptação com as crianças e como ocorre na realidade escolar. De acordo com suas experiências, as profissionais em suas narrativas destacaram:

- É muito importante para que a criança conheça tanto as profes quanto a rotina da escola. (Prof.^a A - Sala 1).
- É muito importante, pois ao se sentirem confortáveis em um ambiente as crianças passam a interagir melhor entre si, aprendem mais e crescem no âmbito único, social e emocional (Aux. A - Sala 1).
- Um período marcado pela insegurança tanto dos pequenos como dos pais. No cotidiano em sala de aula, muito choro, mas muito colinho e amor! A importância para familiarizar com o ambiente, com professores e nova rotina, sendo feito isso aos poucos (Prof.^a B - Sala 2).
- Me preocupo neste período não somente com o aluno, mas também com os pais. Tanto os pais, quando a criança, precisam ter (adquirir) confiança nas professoras e na escola. É um momento de transição para a família. Até a família e a criança adquirir confiança, observo como um momento delicado, precisamos acolher bem tanto a criança como a família da criança, contamos com a ajuda dos pais (Aux. B - Sala 2).

Fonte: Dados coletados via questionário (2022)

Nessas concepções as profissionais mencionam termos como conhecer a rotina, familiarização com o ambiente, conforto, confiança e parcerias com as famílias. “Toda criança, seja qual for sua história e sua idade, terá que enfrentar o primeiro dia de aula e esta experiência acarreta ansiedade e insegurança. Afastar-se do aconchego do lar e enfrentar o desconhecido significa um grande salto na vida de qualquer criança. (REDA; UJIIE 2009, p. 10083).

Sabemos que a adaptação não se refere apenas para que as crianças conheçam a rotina da escola, é muito mais amplo, pois quando a criança chega à escola pela primeira

vez, ou até mesmo é inserida num ambiente diferente do antes experienciado no próprio interior da instituição precisa-se pensar em “[...] ter responsabilidades sentimentais com essa criança [...] visto que a criança se sente desprotegida neste novo ambiente”. (RORIZ CLEMENTE, 2019, p. 11)

Neste âmbito ao vivenciar uma nova rotina, de familiarizar-se com o ambiente é preciso não esquecer da mediação do professor e pensar que tanto para a criança quanto para as famílias são momentos de transições. Conforme Reda e Ujiie (2009, p. 10085),

A função da instituição de Educação Infantil e dos profissionais é de receber a criança e acolher sua singularidade, enfim, apresentar-se como um ambiente seguro e estimulante. O professor deve ser o mediador principal no contexto da adaptação escolar, [...] Adaptação é um processo contínuo de mudança, crescimento, desenvolvimento e amadurecimento para todos. [...].

Ressaltando que “Os pais também passam por uma adaptação, no qual o entendimento do que acontecerá é fundamental para que se sintam seguros, passando a conhecer mais de perto o trabalho docente e de todos os que são envolvidos na escola, além de saber da proposta educativa para seus filhos” (COSTA, 2019, p. 9).

É importante destacar que no período de adaptação a relevância das relações-família-escola é central, de acordo com Felipe (2001), “é fundamental que os pais estejam seguros. Assim, é oportuno que a escola da primeira infância mantenha uma relação de parceria com pais ou responsáveis, e na medida do possível é importante que estes estejam disponíveis e presentes fortalecendo a relação da criança com seu professor”. (Apud REDA, UJIIE 2009, p. 10085). A acolhida pela escola é fundamental, mas também depende também da segurança dos pais para que a criança não se sinta desamparada, pois “[...] A criança precisa sentir que os pais estão seguros entregando-as à professora”. O toque, a acolhida, o olhar, os sorrisos são fundamentais à adaptação e é importante que, a família passe segurança e confiança para que seu filho compreenda que a escola é um lugar seguro e agradável” (COSTA, 2019, p. 09).

EIXO 2: A ENTRADA DAS CRIANÇAS NAS TURMAS DO MATERNAL I, REAÇÕES MANIFESTADAS E ESTRATÉGIAS DE ADAPTAÇÃO

2.1 Reações manifestadas/expressadas na chegada das crianças

Algumas crianças quando já frequentaram o berçário já estão de certa forma familiarizadas com o ambiente, com a rotina e, com os profissionais, ou seja, já se criaram certos vínculos afetivos nestas relações. Todavia, também há crianças que nunca haviam frequentado uma instituição de ensino. Em ambos os casos, as crianças vivenciam da mesma maneira momentos de transições e a adaptação pensa-se ser de modo diferenciado.

No caso da turma do maternal, ocorreram transições no interior da creche, ou seja, crianças do berçário que passaram para a necessidade de adaptarem-se a uma nova turma, nova sala, e outros professores. Também possuem crianças que nunca haviam frequentado a creche (berçário), sendo a primeira vez que estavam inseridas nesta turma. Então, teve choro por parte dessas crianças, nos primeiros dias de adaptação, ao se sentirem distanciadas dos pais e ou familiares.

Vivências de transições	Reações iniciais expressadas
A maioria nunca havia ido antes (Prof. ^a A - Sala 1)	Muito choro. (Prof. ^a A - Sala 1)
Neste ano em curso já estavam na escola, teve apenas troca de sala e professora (Prof. ^a B - Sala 2)	Foi uma boa adaptação tendo em vista que todos já frequentavam a escola. (Prof. ^a B - Sala 2)
As duas opções. (Aux. A - Sala 1)	A maioria aceitou bem a nova turma. Algumas apresentaram choro no início, outras apenas reconheceram o novo ambiente e logo se familiarizaram, sentindo-se à vontade com os colegas e professores. (Aux. A - Sala 1).
A maioria já estava na escola, outras era a primeira vez que estavam frequentando (Aux. B - Sala 2)	Normalmente elas começam a chorar logo que os pais se despedem. (Aux. B - Sala 2)

Fonte: Dados coletados via questionário (2022)

No momento do ingresso à escola, ao perceberem que estarão sem os familiares poderão surgir sensações diversas e se manifestarem nas crianças angustias de separação dos apegos, vínculos anteriores estabelecidos. Em vista disso, “antes de tudo, a escola, o professor e a família precisam assegurar à criança, por meio de diversas estratégias, que ela não será abandonada”. (BOLSI, 2011, p. 13). Sobre o choro, tão natural, manifestado como linguagem da criança e sendo comum, segundo Santos (2012, p. 34): “[...] O choro

transmite o que os pequenos não sabem dizer. É preciso aprender a identificar a mensagem” (Apud, MARCOS; ZAUHYGARMS, 2016, p. 8).

O choro pode ser uma constante reação das crianças e não há um período de tempo estipulado que elas passem a parar de chorar, como muitos profissionais acreditam. Como mencionam Marcos e ZauhyGarms (2016, p. 9), “[...] Ao acreditar que o sucesso da adaptação das crianças se traduz apenas na ausência de choro é desconsiderar toda uma situação emocional complexa que não se expressa apenas por ele e impedir muitas crianças e famílias de se adaptarem”.

Entretanto, é necessário também atentar que as reações das crianças não se manifestam apenas pelo choro. Segundo Ortiz (2000, p. 08):

Grande parte das crianças costuma reagir fortemente à separação de diferentes maneiras: elas podem chorar ou, ao contrário, ficarem muito caladas; podem agredir outras crianças, podem adoecer, recusar-se a comer, a dormir, a brincar. É preciso acolher essas manifestações e conhecer a forma de cada um reagir considerando como natural dentro desse processo, sem rotular a criança a partir disso (Apud BOLSI, 2011, p. 13).

Outro fator que precisa ser atentando no trabalho orientado pelos educadores é superar a ideia equivocada de que precisa deixar a criança chorar, ou que depois ela se acostuma em estar neste ambiente, ficando sem dar muita atenção, o que poderá acarretar que a criança crie resistências em estabelecer vínculos afetivos. Conforme mencionam Vitória e Rosseti-Ferreira (1993, p. 60):

[...] os educadores, acham muitas vezes que esta reação é inevitável, sendo mais aconselhável não lhe dar muita atenção, pois senão o choro se prolonga e a criança pode ficar manhosa, querendo sua atenção a toda hora. [...] Desta forma permanecem passivos frente ao choro, acreditando, que com o tempo, a criança se acostuma e para de chorar até por esgotamento físico e emocional.

Para as crianças que nunca frequentaram a escola é necessário pensar no sentido do acolhimento, aconchego, o desafio de perceber que “A adaptação é um período de mudanças, de amadurecimento, de envolvimento, de inserção, e de adequação marcado por encontros e desencontros das crianças. É o momento em que elas se separam de seus pais para se inserir em um novo grupo, a escola” (SANTOS; SEGER, 2016, p. 02). Neste sentido o choro ocorre por várias razões, pois:

[...] O choro é uma linguagem que neste período de adaptação pode vir a ter várias significações, como por exemplo, a primeira vez que a criança se separa dos familiares para se integrar a um novo grupo, “o escolar” convivendo com pessoas desconhecidas e com uma rotina totalmente nova para elas. Esse choro que no primeiro momento causa uma aflição e tristeza nos pais é considerado normal e à medida que a criança se sinta protegida e acolhida esse comportamento diminui (COSTA, 2019, p. 09).

Sendo a família o primeiro ponto de referência da criança, esta nova referência, a escola, para elas poderá por vezes gerar angústia, visto que “[...] deparam-se com a diversidade em um ambiente coletivo, com um funcionamento diferente do habitual em seus lares, passando a participar de atividades incomuns ao seu cotidiano e a conviver com adultos e crianças inicialmente estranhos” (RCG, RS, 2019).

Cabe destacar que mesmo para as crianças que já frequentavam a Creche anteriormente há de se considerar a mudança de ambiente e até mesmo de rotinas nos seus cotidianos e o contato com outras crianças e adultos. Os seus pares já não são os mesmos, seus espaços modificaram-se. Isso também caracteriza um processo transitório, período de uma nova adaptação. Para elas “É um momento de grandes mudanças [...] pois cada ano é um novo recomeço, professores diferentes e o ingresso de novos colegas”. (SANTOS; SEGER, 2016) Para as autoras:

O processo de adaptação não acontece igual para todas as crianças, pois cada uma tem suas individualidades, uma constituição familiar distinta, um tempo diferente, algumas demoram mais para se adaptar, outras menos. Isso é bem normal, algumas ficam no processo durante meses, enquanto outras encaram tudo com mais tranquilidade, outras podem demorar semanas ou até mesmo dias para se adaptar (SANTOS; SEGEL, 2016, p. 2).

2.2 Estratégias, técnicas para adaptação e reações manifestadas pós período de adaptação

Sobre as estratégias utilizadas pelas profissionais participantes da pesquisa com as crianças e, se estas ações influenciaram para que elas se adaptassem, e quais mudanças elas perceberam nas reações delas, apresentam-se reflexões nessa seção. Todavia, não foi informado no questionário quanto tempo durou o período da adaptação, tendo em vista não ter sido perguntado, segue um quadro com as perspectivas das profissionais:

Estratégias	Influências das ações	Reações pós-adaptação
Acolhimento, carinho, técnica da bola (Prof. ^a A - Sala 1)	[...] elas têm confiança nas profes e fica mais fácil a interação. (Prof. ^a A - Sala 1)	Hoje praticamente não choram [...] socializam bem entre todos da turma. (Prof. ^a A - Sala 1)
Brincadeiras, jogos, músicas de acordo com a idade, o contato físico é importante para gerar confiança nas crianças e o tempo de permanência na escola reduzido nos três primeiros dias de adaptação. (Aux. A - Sala 1).	[...] nenhuma teve maiores dificuldades com adaptação escolar. (Aux. A - Sala 1).	A maior parte delas passou a interagir mais nas aulas e a participar das atividades propostas de maneira satisfatória. (Aux. A - Sala 1).
Com amor, paciência e brinquedos que atraíam e distrai a criança. (Prof. ^a - Sala 2)	A criança fica segura e consegue então participar das atividades propostas.	Todos chegam felizes e são participativos.
Gosto sempre de usar a musicalização, geralmente funciona bem, pois estimula o convívio social e a harmonia. (Aux. B - Sala 2).	[...] Gosto de trabalhar com a música, por ela desenvolver na criança a sensibilidade, prazer em ouvir, expressão corporal, imaginação, respeito ao próximo, uma infinidade de benefícios é proporcionada por ela. E na adaptação nos traz um resultado positivo.	Estão em parte adaptadas. Percebo que quando os pais encontram dificuldades de se despedir da criança ao leva-la para a escola, a criança faz um choro aparentemente para chamar a atenção. Por isso é muito importante no processo de adaptação o apoio dos pais. Temos 3 crianças no processo de adaptação.

Fonte: Dados coletados via questionário (2022).

Conforme as narrativas escritas pelas professoras e auxiliares notamos que a adaptação de crianças bem pequenas não segue uma regra, e não há como, pois, as crianças não reagem por igual, até mesmo pelo modo de cada uma ser e estar criança. As profissionais fazem uso de estratégias como brincadeiras, jogos, músicas e citam questões como amor, carinho, paciência. Segundo Reda e Ujiie (2009, p. 10092), “[...] sabemos que o tipo de adaptação mais adequado varia muito de criança para criança, segundo suas características afetivo-emocionais e bastante em relação à idade da criança de ingresso na instituição educacional. Não havendo uma solução única para todos os casos”.

A adaptação é um período de mudanças, de amadurecimento, de envolvimento, de inserção, e de adequação marcado por encontros e desencontros das crianças. É o momento em que elas se separam de seus pais para se inserir em um novo grupo, a escola. Assim precisam se adaptar a uma rotina diferente da que estava habituada até então. É um momento de grandes mudanças. Independentemente se a mesma já frequentava a escola ou não, pois cada ano

é um novo recomeço, professores diferentes e o ingresso de novos colegas” (SANTOS; SEGER, 2016, p. 2).

Quanto às crianças que ainda mostram dificuldades em se separar dos pais, Costa (2010, p. 18) compreende que: “Sabemos que em todas as relações sociais cada pessoa reage de uma maneira diferente, pois cada indivíduo é único”. Deste modo cada criança também reage conforme suas relações, suas particularidades, por isso a importância de o educador mediar com muito carinho, afeto, paciência. Para Costa (2019, p. 21),

É de suma importância que o educador conduza essa prática pedagógica na educação infantil com habilidade e muito carinho, sem assumir a função maternal, na tentativa de compreender e aliviar qualquer sofrimento por parte da criança. O professor leve em consideração a particularidade das crianças, identificando o problema de cada uma. O educador deve ter muita paciência nas situações adversas do dia a dia na escola.

A creche pode representar uma nova família para a criança. No cotidiano das práticas com crianças bem pequenas nas creches “[...] o vínculo afetivo com o adulto é o principal suporte para elas se sentirem seguras [...] de forma a poderem brincar, explorar e interagir [...]”. (VITÓRIA, ROSSETTI-FERREIRA, 1993). Salientam as autoras: A criança estabelece uma intensa relação afetiva com esses outros, que lhe provém segurança, para conhecer o mundo e explorar novas situações”. (VITÓRIA, ROSSETTI-FERREIRA, 1993, p. 57). Assim, para ter êxito, sucesso nas suas mediações estratégicas, o papel do educador junto à criança, na tarefa de [...] facilitar a adaptação da criança [...] à Creche, são necessários experiência e conhecimentos sobre o processo [...]” (VITÓRIA, ROSSETTI-FERREIRA, 1993, p. 59-60).

As autoras sinalizam para algumas práticas que poderão facilitar uma aproximação para estabelecer relações numa situação mais descontraída: “[...] flexibilizar a rotina, incentivar a criança a explorar o ambiente, aproximar-se nos momentos certos e de maneiras adequadas, introduzir assuntos que facilitem o estabelecimento de uma relação entre ele(a) e a criança, [...]”. (VITÓRIA, ROSSETTI-FERREIRA, 1993, p. 60).

Entretanto, para Balaban (1988),” é necessário tempo para que essa criança apreenda toda a nova situação que está vivenciando, seja a característica desse novo adulto, o professor, ou dessa nova instituição, rotina e ambiente.” (Apud REDA, UJIIE 2009, p. 10086) Como menciona Rapoport: (2005, p.09).

O processo de adaptação não tem seu tempo determinado por inúmeros fatores, podendo variar amplamente de caso a caso. Muitas vezes, mesmo depois de

adaptado, mesmo que por um longo período, fatores externos ou do próprio desenvolvimento da criança podem levar ao processo de recomeçar (Apud, SANTOS; SEGER, 2016, p. 2).

Santos e Seger (2016, parte introdutória) consideram que “adaptação na educação infantil pode ser considerado como um processo delicado e complexo, que gera muitas dúvidas e mudanças na vida de todos os envolvidos, ou seja, as crianças, a família e a escola [...]”. Portanto, os educadores necessitam nas suas estratégias respeitar as individualidades de cada criança, é um período de aprendizados tanto deles, quanto das crianças. É um processo que se constrói nas inter-relações, pois:

[...]. É através deste processo que família, escola e crianças aprendem a conviver, socializar, interagir, a ter segurança e explorar ambientes novos. Desta forma, aos poucos, vão construindo uma parceria de acolhimento, sentimento de pertença dentro do ambiente escolar, findando uma adaptação tranquila e bem sucedida (COSTA, 2019, p.21).

Neste sentido, é preciso estabelecer vínculos de afetos e confiança e, com isso, a criança vai se sentindo segura, amada e interagir com o ambiente e com os demais que ali se encontram, o processo de adaptação não é apenas na primeira semana, ele poderá ir muito além disso:

“[...] é processo de adaptação é contínuo e vai além do início do ano letivo, o qual pode ser, para criança, tanto quanto prazeroso. Assim, faz-se importante criar vínculos de afeto e confiança integrando essas crianças ao grupo no qual estão inseridas para auxiliar o sucesso desse momento tão importante na vida da criança”. (DIAS (et.al) (2018, p 1.).

Percebe-se, então, que a adaptação é uma construção complexa que exige muita dedicação, compreensão, o que não significa que o ambiente se torna harmonioso totalmente, ocorrem conflitos, disputas e divergências entre as crianças, que poderão ocorrer mesmo num ambiente acolhedor. Em vista disso, ser educador de crianças pequenas, dentre as várias determinações:

[...] exige uma prática pedagógica diferenciada [...] começando nos cuidados e indo até o nível da educação propriamente dita, isto é, o nível da socialização e do desenvolvimento por meio de práticas lúdicas, e que promovam as possíveis interações [...] a educação infantil é uma simbiose de cuidado e educação (BELTHER 2017, p. 104).

Outrossim, autores sugerem que dependendo das reações expressadas pelas crianças, que sejam pensados períodos mais prolongados. Ortiz e Carvalho (2012),

Pantalena (2010), Rossetti-Ferreira et al. (2011) sugerem que o período de adaptação tenha duração de uma a três semanas, com possibilidades de redução ou ampliação conforme o número de horas que a criança permanecerá na escola e sua adaptação à nova rotina (Apud VERCELLI, NEGRÃO, 2019, p. 05). E acrescentam:

[...] O período também pode ser estipulado consoante as reações e o comportamento que a criança apresentará nos primeiros dias: se aceitará a alimentação oferecida, se dormirá no local, que qualidade de sono terá, se recorrerá aos objetos de apego e com que frequência isso acontecerá, entre outros (Apud VERCELLI, NEGRÃO, 2019, p. 05).

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas perspectivas das profissionais (professoras e auxiliares) participantes da pesquisa, que atuam nas turmas do Maternal-I, o período da adaptação é importante. Parece que sob a visão das profissionais o processo de adaptação das crianças ocorreu de certa forma um tanto quanto tranquila, pois quase todas as crianças já mostram participativas, interagem. Segundo elas, poucas ainda fazem um choro, principalmente quando se despedem dos pais, considerando o ingresso no Maternal de crianças que já frequentavam a Creche anteriormente e vivenciaram transições no interior dela, e até às crianças que não haviam ainda frequentado a Creche. Contudo, emergem desses relatos aspectos que elas consideram importante no período da adaptação, que envolve: acolhimento, afeto, amor, carinho, paciência para com as crianças.

Sobre como o período de adaptação influencia, as professoras e auxiliares revelam que, a partir desse processo, que se torna mais fácil terem confiança e facilita a interação, para que a criança se sinta segura e consiga participar e interagir com as demais. Além disso, sinalizaram no questionário que cada criança reage de formas diferentes.

Todavia destacam muito choro quando da chegada das crianças e também quando os pais as deixam na escola. As estratégias utilizadas são o acolhimento, com brincadeiras, músicas, para amenizar o impacto da separação de um apego inicialmente no ambiente de referência que era para algumas apenas a família, para outras, no sentido de estarem vivenciando mudanças de rotinas na própria escola.

Pelos autores mencionados neste trabalho, compreendeu-se de que as reações das crianças, em suas emoções são manifestadas pelo choro considerados normais, e que não podem ser ignorados, pois é um modo de elas se expressar, se comunicar, quando não estão em convívio de um cotidiano habitual, por isso a importância de o educador mediar com muito carinho, afeto, paciência, e não ficar sem dar à criança a atenção que lhe é devida. Também que o choro poderá ser uma constante reação das crianças, que não há um período para parar de chorar, pois cada criança reage à sua maneira, mas também outras reações precisam ser observadas, como agressividades ou o fato de ficarem caladas, adoecer, recusando-se até comer, dormir, brincar, etc. Ou seja, vista disso a acolhida pela escola é fundamental, mas também depende também da segurança dos pais para que a criança não se sinta desamparada.

Compreendo também a partir deste estudo que, o período do processo da adaptação das crianças bem pequenas às Creches é desafiante e complexo tanto para elas, quanto para as famílias e para os educadores. É necessário muito carinho, afeto, atenção e participação de todos os envolvidos, por parte principalmente das profissionais que estão com elas muito mais tempo, para que possam vivenciar novas experiências em seu desenvolvimento. É necessário também que as famílias se sintam seguras em relação a escola e passem segurança às crianças. As parcerias família e escola necessitam ser uma constante troca de confiança. A escola, e todos os envolvidos nela no processo, tem um papel relevante a este público tão peculiar de possibilidades de descobertas, a partir de suas necessidades.

Considerando a complexidade desafiadora para que as crianças se sintam acolhidas no novo ambiente e possam compartilhar aprendizagens e vivenciar novas experiências é fundamental sobretudo, estabelecer relações positivas que são importantes para promover um ambiente se torne acolhedor.

Logo, é neste processo que o período de adaptação se torna fundamental e é importantíssimo, embora o processo seja gradual e diferenciado, em cada especificidade de espaços que ele ocorra, uma vez que para algumas crianças não há um período específico para adaptação. Autores mostram que o processo de adaptação para algumas crianças pode durar semanas ou meses, e que não se resume apenas nos primeiros dias, enquanto outras, se adaptam facilmente, depende muito em compreender como a criança vivencia esses momentos e também das relações que a escola estabelece com a criança, são diversos fatores que contribuem para ter êxito e sucesso em tornar a Creche como um ambiente acolhedor.

Enfim, considero de grande relevância como acontece o processo de adaptação na Educação Infantil, pois é preciso entender a criança como sujeito de direitos nas suas interações, nas relações que estabelecem. Deve-se lançar um olhar atento para cada criança e não apenas no coletivo, nas práticas cotidianas nossos olhares devem se direcionar ao sujeito-criança de forma integral. Para atuar com crianças bem pequenas, exige-se práticas por meio de experiências lúdicas, que envolvem o duplo objetivo do cuidar e do educar. Para atuar com crianças bem pequenas, podemos planejar e organizar a adaptação em pequenos grupos, para as interações entre elas e prevendo que as crianças tenham um adulto referência nos primeiros dias de estadia na creche.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, M. I. F. **O processo de adaptação e a importância do acolhimento na Educação Infantil.** Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia). Centro de Educação – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2016. Disponível em: <
https://monografias.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/2569/6/OProcessoDeAdapta%C3%A7%C3%A3oEAcolhimento_Artigo_2016.pdf>. Acesso em: 20 de out. 2017. (IN)
- ANGOTTI, Maristela (organizadora). **Educação Infantil: para que, para quem e por quê.** Campinas, SP: Editora Alínea, 2010. 3ª Edição. BASSEDAS, Eulália. Aprender e ensinar na educação infantil / Eulália (IN) COSTA, Michaely P. da. **A educação infantil e o processo de adaptação à escola** Campina Grande – PB. Jun – 2019 TCC - ARTIGO MICHAELY PEREIRA DA COSTA.pdf
- BARBOSA, Maria Carmen Silveira. GOBBATO, Carolina. **Tópicos para (re)pensar os rumos para a educação infantil. (pós) pandemia.** Revista Zero a seis v. 23 n. 44 (2021): Perspectivas de Pesquisa na Educação infantil: 30 anos de trajetória= seção Dossiê Disponível em
<https://periodicos.ufsc.br/index.php/zeroseis/article/view/81274/47579>, acessado em abril, 2022.
- BARBOSA, Maria Carmem Silveira. CRUZ, Silvia Helena Vieira. FOCHI, Paulo Sergio. OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de. **O que é básico Na Base Nacional Comum Curricular para a Educação Infantil.** Debates em Educação -ISSN 21756600. Maceió, Vol. 8, nº 16, Jul/Dez-2016
- BRASIL, **Constituição da República Federativa do Brasil** (1988). http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm
- BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil.** Brasília, 1998.
- BRASIL. MEC. **Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Brasília, 1996.
http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn1.pdf
- BRASIL. MEC/CEB. **Resolução n. 5/2009, de 17 de dezembro de 2009.** Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília- 2009
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil /** Secretaria de Educação Básica. – Brasília: MEC, SEB, 2010. http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/diretrizescurriculares_2012.pdf
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC).** Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2018.
http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf

BELTHER, Josilda Maria. **Educação Infantil**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2017

BOWLBY, John. Apego – **A Natureza do vínculo**. 3a ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002. (IN) curso de especialização em educação infantil: perspectivas do trabalho em creches e pré-escolas. **A acolhida inicial na educação infantil**. BOLSI, Carolina F. Rio de Janeiro – nov. de 2011.

[BOLSI Carolina A acolhida inicial na educacao infantil pre Textuais \(1\).pdf](#)

CAMPOS, Maria Malta. **Critérios para um atendimento em creches que respeite os direitos fundamentais das crianças** / Maria Malta Campos e Fúlvia Rosemberg. – 6.ed. Brasília: MEC, SEB, 2009. 44 p.

<http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/direitosfundamentais.pdf>

CAMPOS, Rosânea. BARBOSA, Maria Carmem Silveira. **O Mito de sísifo e a Educação Infantil: inconformismo, resistência e luta** (In) Educação Infantil: A luta pela Infância. (livro eletrônico) Anete Abramowics, Afonso Canella Henriques (Orgs). Campinas, SP: Papyrus, 2020

CHAVES. J.M.P. **Relacionamentos são coisas vivas. O papel da Creche**. Em aberto, v. 18, nº 73. Brasília: 2001 (IN) BELTHER, Josilda Maria. **Educação Infantil**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2017

FRIEDMANN, Adriana. **O desenvolvimento da criança através do brincar**. SP, Moderna, 2006. (Coleção cotidiano escolar: base do conhecimento).

GAYARDO, Suely. **Educação infantil: inserção, acolhimento e adaptação da criança à escola**. Ariquemes, 2019. [GAYARDO Suely EI ACOLHIMENTO E ADAPTAÇÃO.pdf](#)

MARCOS, Suélen Cristiane. ZAUHYGARMS, Gilza Maria. **A formação de um vínculo afetivo entre educadoras e crianças como possibilidade para uma adaptação feliz a creche**. Colloquium Humanarum, Presidente Prudente, v. 13, n. 3, p.07-13jul/set2016. Publicado 2017.

<https://revistas.unoeste.br/index.php/ch/article/view/1776>

OLIVEIRA NETO, Benjamim Machado de. **Políticas educacionais e organização no período de acolhimento e da adaptação na Educação Infantil**. (IN) Braz. J. of Develop., Curitiba, v. 5, n. 9, p. 14148-14161, sep. 2019.

OLIVEIRA, Suélen Cristiane Marcos. **O processo de adaptação das crianças na educação infantil: os desafios das famílias e dos educadores da infância / - Presidente Prudente: [s.n], 2018.**

https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/153912/oliveira_scm_dr_pr

OSTETTO, Lucina E. (Org) Educação **Infantil: Saberes e Fazeres da Formação de professores**, 5ª edição, Papyrus editora, Campinas, SP, 2008, (coleção Ágere) Vários autores.

ORTIZ, C.; CARVALHO, M. T. V. de. **Interações: ser professor de bebês – cuidar, educar e brincar uma única ação.** São Paulo: Blucher, 2012. (IN) **Um olhar sobre o período de adaptação de crianças pequenas a um centro de educação infantil e o uso de objetos transicionais.** VERCELLI, Ligia de C. A; NEGRÃO, Tatiana P. A. EccoS – Rev. Cient., São Paulo, n. 50, e13320, jul./set. 2019. Disponível em : < [VIRCELLI- UM OLHAR SOBRE ADAPTAÇÃO.pdf](#)>

ORTIZ, Cisele. **A diferença entre adaptar-se e ser acolhido.** Revista Avisa lá, 2 (40): 4-8, jan, São Paulo, 2000. (IN) curso de especialização em educação infantil: perspectivas do trabalho em creches e pré-escolas. **A acolhida inicial na educação infantil.** BOLSI, Carolina F. Rio de Janeiro – nov. de 2011. [BOLSI Carolina A acolhida inicial na educacao infantil Pre Textuais \(1\).pdf](#)

PANTALENA, E. S. **O ingresso da criança na creche e os vínculos iniciais.** Dissertação (Mestrado em Educação, área de concentração em Psicologia). Centro de Pós-graduação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. (IN) **Um olhar sobre o período de adaptação de crianças pequenas a um centro de educação infantil e o uso de objetos transicionais.** VERCELLI, Ligia de C. A; NEGRÃO, Tatiana P. A. EccoS – Rev. Cient., São Paulo, n. 50, e13320, jul./set. 2019. Disponível em : < [VIRCELLI- UM OLHAR SOBRE ADAPTAÇÃO.pdf](#)>

ROCHA, Luciana Caprice Silva Santos da. **Formação de professores na educação infantil.** Revista Projeção e Docência, v. 3, n. 1, p. 28-36, mar. 2012. Disponível em: Acesso em: 17 maio 2020. (IN) FARIA, Larissa Monteiro. **O professor e a criança no processo de adaptação na educação infantil,** Goiania, 2020.

RAPOPORT, Andrea; PICCININI, Cesar. **Concepções de Educadoras Sobre a Adaptação de Bebês à Creche.** Psicologia: Teoria e Pesquisa Jan-Abr 2001, Vol. 17 n. 1, pp. 069-078. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/ptp/a/WWGGdrBdjbSZzdmZ4pSQtnC/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 23 mai. de 2022.

RAPOPORT, Andrea et al. **O Dia a Dia na Educação Infantil.** Porto Alegre: Mediação, 2012 (IN) RAPOPORT; PICCININI, C. **O ingresso e adaptação de bebês e crianças pequenas à creche: alguns aspectos críticos.** *Psicologia, Reflexão e Crítica*, 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/prc/v14n1/5209.pdf>. Acesso em: 05 JUN. 2022

RIO GRANDE DO SUL/SEDUC/DEPARTAMENTO PEDAGÓGICO: **Referencial Curricular Gaúcho- Educação Infantil,** Porto Alegre, 2018. V.1. <https://portal.educacao.rs.gov.br/Portals/1/Files/1532.pdf>

ROSSETTI-FERREIRA, C.; VITÓRIA, T. **Processo de Adaptação na creche.** Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 86, p.55-64, ago. 1993. (IN) OLIVEIRA, Suélen Cristiane Marcos de. **O processo de adaptação das crianças na educação infantil: os desafios das famílias e dos educadores da infância.** Presidente Prudente 2018. https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/153912/oliveira_scm_dr_pr

SILVA, M.S.P. da. **A Legislação Brasileira e as Mudanças Na Educação Infantil.**

Revista Retratos da Escola, v. 5, n. 9, p. 229-244, jul/dez 2011. (IN) RORIZ

CLEMENTE, Aline. **O comportamento da criança e os agentes do processo de adaptação na educação infantil**, Anápolis – GO, 2019. Disponível em : [ALINE-RORIZ-CLEMENTE- O COMPORTAMENTO DA CRIANÇA ADAPTAÇÃO.pdf](#)

SILVEIRA BARBOSA, M. C.; DELGADO, A. C. C.; TOMÁS, C. A. Estudos Da Infância, Estudos Da Criança: Quais Campos? Quais Teorias? Quais Questões? Quais Métodos? **Revista Inter Ação**, Goiânia, v. 41, n. 1, p. 103–122, 2016. DOI: 10.5216/ia.v41i1.36055. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/interacao/article/view/36055>. Acesso em: 5 jun. 2022.

STRENZEL, Giandréa Reuss. **Tempo de chegada na creche: conhecendo- se e fazendo-se conhecer.** (IN) Revista Zero a Seis. Seção Cotidiano na Educação Infantil. n. 6, agosto/dezembro 2002. Disponível: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/zerosais/article/view/15584/14122>

VERCELLI, Ligia de Carvalho Abões. NEGRÃO, Tatiane Peres Alves. Um olhar sobre o período de adaptação de crianças pequenas a Um centro de educação infantil e o Uso de objetos transicionais. Revista ECCOS- Científica <https://periodicos.uninove.br/eccos/article/view/13320>

VITÓRIA, Telma. & amp; FERREIRA, Maria Clotilde Rossetti. (1993). **Processos de adaptação na creche. (1993) (IN) Cadernos de Pesquisa**, Fundação Carlos Chagas, P. n 86. p. agosto, 2013. em 2013; <http://publicacoes.fcc.org.br/index.php/cp/article/view/939/944>

VYGOTSKY, L. S. **A Educação do comportamento emocional.** In. Psicologia Pedagógica: edição comentada. Porto Alegre: Artmed, 2003. (IN) **O processo de acolhimento e de socialização em uma escola de ensino infantil na cidade de Quixadá.** OLIVEIRA NETO, Benjamim M. de. Graduando do Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central – FECLESC. Disponível em : [OLIVEIRA NETO- PROCESSO DE ACOLHIMETO.pdf](#)

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO

Muito grata por você disponibilizar um espaço para realização da pesquisa, suas respostas serão muito importantes para minha formação profissional. Em caso de o espaço não ser suficiente para suas respostas, poderá responder no verso da folha, identificando a questão.

INFORMAÇÕES PROFISSIONAIS:

Sua formação:

Sua função:

Tempo que atua como profissional na Educação Infantil:

Tempo que atua com essa turma:

Atualmente quantas crianças estão na sua turma:

QUESTIONÁRIO PARA A PESQUISA

1. O que você compreende como adaptação na Educação Infantil? _____

2. Pela sua experiência, como se dá o período da adaptação de crianças bem pequenas na sua turma? Como ocorre na realidade do cotidiano? _____

3. Na sua opinião, porque o período de adaptação é importante? Como você compreende este período de adaptação para essas crianças e para suas práticas de experiências? _____

4. Quando as crianças da sua turma chegaram, elas vieram de outras escolas ou já haviam frequentado a Creche nessa escola?_____

5. Na chegada em sua turma, quais foram as reações iniciais das crianças antes de se adaptarem ao ambiente?

6. Quais são as estratégias, ações que você utilizou para adaptação das crianças em sua turma?

7. Em suas estratégias você conta com o auxílio de outras pessoas? Quais?

8. Você considera que suas estratégias influenciaram para adaptação das crianças ao ambiente e nas interações com as atividades propostas? Por que?_____

9. O que você observou até este momento, ocorreram mudanças em suas reações expressivas, as crianças quanto ao processo de adaptação: As crianças já se encontram adaptadas? () Sim () Não () em parte.

Se sim, quais mudanças você percebeu e em quantas crianças.

Se não, quais fatores influenciaram ou possam ainda influenciar para adapta-las?

Se em parte, podes informar o que ocorre com algumas crianças que não se adaptaram?

Quantas crianças estão nesse processo. Quais são ainda suas reações?_____

Caso queira contribuir com algo a mais, fique á vontade._____

Muito obrigada pela sua participação

APÊNDICE B

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado (a) participante,

Por meio do presente “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido” você está sendo convidada (o) pela pesquisadora Debora Deovani Sapper Marques, acadêmica regularmente matriculada no Curso de Pedagogia- Licenciatura na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul -UERGS, Unidade Universitária Litoral Norte, a participar da pesquisa para o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). O referido trabalho, está sob a orientação da Profa. Ma. Dolores Schussler. O título do referido trabalho é “Adaptação de Crianças Bem Pequenas na Educação Infantil” que traz no objetivo da pesquisa “Compreender e analisar as concepções de educadoras e auxiliares sobre o período de adaptação na Educação Infantil, suas estratégias usadas, as influências no que se referem às reações expressadas pelas crianças ao vivenciarem este processo para consolidação das relações de confiança, ambiente acolhedor de interações e explorações para aprendizagem e desenvolvimento”. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido pela pesquisadora. No aceite em participar deste estudo você preencherá um questionário com perguntas relativas à temática em questão. Os dados levantados que serão por você informados nesta pesquisa estarão sob sigilo ético, não sendo mencionados nomes de participantes e/ou instituições em nenhuma apresentação oral ou trabalho acadêmico que venha a ser publicado, sem a sua autorização. Você tem a liberdade de se recusar a participar e tem a liberdade de desistir em qualquer momento que decida sem qualquer prejuízo. No entanto, sua colaboração é muito importante, para obter melhores resultados ao levantamento dos dados da pesquisa. Sempre que você queira mais informações sobre este estudo, a pesquisadora supra citada, compromete-se a esclarecer quaisquer dúvidas ou questionamentos que eventualmente poderão surgir, pelo fone (51) 98110-5488. Declaro que fui informado (a) de todos os aspectos e objetivos do estudo da pesquisa, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas, concordo que as informações obtidas relacionadas à minha pessoa poderão ser utilizadas em atividades de natureza acadêmico-científica, desde que assegurada a preservação de minha identidade. Deste modo, declaro que concordo em participar desse estudo e recebi uma via deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Nome da (o) participante

Assinatura da (o) participante

Assinatura do pesquisador

Osório (RS) _____/_____/